

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Almeida Garrett
Flores sem fruto



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Almeida Garrett

Flores sem fruto

Publicado originalmente em 1845.

**João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett
(1799 – 1854)**

“Projeto Livro Livre”

Livro 448



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com



Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor português Almeida Garret: “*Flores sem fruto*”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com

BIOGRAFIA

João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett nasceu com o nome de João Leitão da Silva no Porto a 4 de fevereiro de 1799, filho segundo de Antônio Bernardo da Silva Garrett, selador-mor da Alfândega do Porto, e Ana Augusta de Almeida Leitão. Passou a sua infância, altura em que alterou o seu nome para João Baptista da Silva Leitão, acrescentando o sobrenome Baptista do padrinho e trocando a ordem dos seus apelidos, na Quinta do Sardão, em Oliveira do Douro (Vila Nova de Gaia), pertencente ao seu avô materno José Bento Leitão. Mais tarde viria a escrever a este propósito: "Nasci no Porto, mas criei-me em Gaia". No período de sua adolescência foi viver para os Açores, na ilha Terceira, quando as tropas francesas de Napoleão Bonaparte invadiram Portugal e onde era instruído pelo tio, D. Alexandre, bispo de Angra. De seguida, em 1816 foi para Coimbra, onde acabou por se matricular no curso de Direito. Em 1821 publicou *O Retrato de Vénus*, trabalho que fez com que lhe pusessem um processo por ser considerado materialista, ateu e imoral. É também neste ano que ele e sua família passam a usar o apelido de Almeida Garrett.

Filho segundo do selador-mor da Alfândega do Porto, acompanhou a família quando esta se refugiou nos Açores, onde tinha propriedades, fugindo da segunda invasão francesa, realizada pelo exército comandado pelo marechal Soult que entrando em Portugal por Chaves se dirigiu para o Porto, ocupando-o. Passou a adolescência na ilha Terceira, tendo sido destinado à vida eclesiástica, devendo entrar na Ordem de Cristo, por intercedência do tio paterno, Frei Alexandre da Sagarada Família, bispo de Malaca e depois de Angra.

Em 1816, tendo regressado a Portugal, inscreveu-se na Universidade, na Faculdade de Leis, sendo aí que entrou em contacto com os ideais liberais. Em Coimbra, organiza uma loja maçônica, que será frequentada por alunos da Universidade como Manuel Passos. Em 1818, começa a usar o apelido Almeida Garrett, assim como toda a sua família.

Participa entusiasticamente na revolução de 1820, de que parece ter tido conhecimento antecipado, como parece provar a poesia *As férias*, escrita em 1819. Enquanto dirigente estudantil e orador defende o vintismo com ardor escrevendo um Hino Patriótico recitado no Teatro de São João. Em 1821, funda a Sociedade dos Jardineiros, e volta aos Açores numa viagem de possível motivação maçônica. De regresso ao Continente, estabelece-se em Lisboa, onde continua a publicar escritos patrióticos. Concluindo a Licenciatura em Novembro deste ano.

Em Coimbra publica o poema libertino *O Retrato de Vénus*, que lhe vale ser acusado de materialista e ateu, assim como de "abuso da liberdade de

imprensa”, de que será absolvido em 1822. Torna-se secretário particular de Silva Carvalho, secretário de estado dos Negócios do Reino, ingressando em Agosto na respectiva secretaria, com o lugar de chefe de repartição da instrução pública. No fim do ano, em 11 de Novembro, casa com Luísa Midosi.

A Vilafrancada, o golpe militar de D. Miguel que, em 1823, acaba com a primeira experiência liberal em Portugal, leva-o para o exílio. Estabelece-se em Março de 1824 no Havre, cidade portuária francesa na foz do Sena, mas em Dezembro está desempregado, o que o leva a ir viver para Paris. Não lhe sendo permitido o regresso a Portugal, volta ao seu antigo emprego no Havre. Em 1826 está de volta a Paris, para ir trabalhar na livraria Aillaud. A mulher regressa a Portugal.

É anistiado após a morte de D. João VI, regressando com os últimos emigrados, após a outorga da Carta Constitucional, reocupando em Agosto o seu lugar na Secretaria de Estado. Em Outubro começa a editar “O Português, diário político, literário e comercial”, sendo preso em finais do ano seguinte. Libertado, volta ao exílio em Junho de 1828, devido ao restabelecimento do regime tradicional por D. Miguel. De 1828 a Dezembro de 1831 vive em Inglaterra, indo depois para França, onde se integra num batalhão de caçadores, e mais tarde, em 1832, para os Açores integrado na expedição comandada por D. Pedro IV. Nos Açores transfere-se para o corpo acadêmico, sendo mais tarde chamado, por Mouzinho da Silveira, para a Secretaria de Estado do Reino.

Participa na expedição liberal que desembarca no Mindelo e ocupa o Porto em Julho de 1832. No Porto, é reintegrado como oficial na secretaria de estado do Reino, acumulando com o trabalho na comissão encarregada do projeto de criação do Códigos Criminal e Comercial.

Em Novembro parte com Palmela para uma missão a várias cortes europeias, mas a missão é dissolvida em Janeiro e Almeida Garrett vence abandonado em Inglaterra, indo para Paris onde se encontra com a mulher.

Só com a ocupação de Lisboa em Julho de 1833, consegue apoio para o seu regresso, que acontece em Outubro. Em 2 de Novembro é nomeado vogal-secretário da Comissão de reforma geral dos estudos. É por essa altura que terá se instalado no palácio dos Condes de Almada, no Largo de S. Domingos, em Lisboa, onde reunia a referida comissão. Em Fevereiro do ano seguinte é nomeado cônsul-geral e encarregado de negócios na Bélgica, onde chega em Junho, mas é de novo abandonado pelo governo.

Regressa a Portugal em princípios de 1835, regressando ao seu posto em Maio. Estava em Paris, em tratamento, quando foi substituído sem aviso prévio na embaixada belga. Nomeado embaixador na Dinamarca, é demitido antes mesmo de abandonar a Bélgica.

Estes sucessivos abandonos por parte dos governos cartistas, levam-no a envolver-se com o *Setembrismo*, dando assim origem à sua carreira parlamentar. Logo em 28 de Setembro de 1836 é incumbido de apresentar uma proposta para o teatro nacional, o que faz propondo a organização de uma Inspeção-Geral dos Teatros, a edificação do Teatro D. Maria II e a criação do Conservatório de Arte Dramática. Os anos de 1837 e 1838, são preenchidos nas discussões políticas que levarão à aprovação da Constituição de 1838, e na renovação do teatro nacional.

Em 20 de Dezembro é nomeado cronista-mor do Reino, organizando logo no princípio de 1839 um curso de leituras públicas de História. No ano seguinte o curso versa a “história política, literária e científica de Portugal no século XVI”.

Em 15 de Julho de 1841 ataca violentamente o ministro Antônio José d'Ávila, num discurso a propósito da Lei da Décima, o que implica a sua passagem para a oposição, e o leva à demissão de todos os seus cargos públicos. Em 1842, opõem-se à restauração da Carta proclamada no Porto por Costa Cabral. Eleito deputado nas eleições para a nova Câmara dos Deputados cartista, recusa qualquer nomeação para as comissões parlamentares, como toda a esquerda parlamentar. No ano seguinte ataca violentamente o governo cabralista, que compara ao absolutista.

É neste ano de 1843 que começou a publicar, na *Revista Universal Lisbonense*, as *Viagens na Minha Terra*, descrevendo a viagem ao vale de Santarém começada em 17 de Julho. Anteriormente, em 6 de Maio, tinha lido no Conservatório Nacional uma memória em que apresentou a peça de teatro Frei Luís de Sousa, fazendo a primeira leitura do drama.

Continuando a sua oposição ao Cabralismo, participa na Associação Eleitoral, dirigida por Sá da Bandeira, assim como nas eleições de 1845, onde foi um dos 15 membros da minoria da oposição na nova Câmara. Em 17 de Janeiro de 1846, proferiu um discurso em que considerava a minoria como representante da “grande nação dos oprimidos”, pedido em 7 de Maio a demissão do governo, e em Junho a convocação de novas Cortes.

Com o despoletar da revolução da Maria da Fonte, e da Guerra Civil da Patuleia, Almeida Garrett que apoia o movimento, tem que passar a andar escondido, reaparecendo em Junho, com a assinatura da Convenção do Gramido.

Com a vitória cartista e o regresso de Costa Cabral ao governo, Almeida Garrett é afastado da vida política, até 1852. Em 1849, passa uma breve temporada em casa de Alexandre Herculano, na Ajuda. Em 1850, subscreve com mais de 50 outras personalidades um Protesto contra a Proposta sobre a Liberdade de

Imprensa, mais conhecida por “lei das rolhas”. Costa Cabral nomeia-o, em Dezembro, para a comissão do monumento a D. Pedro IV.

Com o fim do Cabralismo e o começo da Regeneração, em 1851, Almeida Garrett é consagrado oficialmente. É nomeado sucessivamente para a redação das instruções ao projeto da lei eleitoral, como plenipotenciário nas negociações com a Santa Sé, para a comissão de reforma da Academia das Ciências, vogal na comissão das bases da lei eleitoral, e na comissão de reorganização dos serviços públicos, para além de vogal do Conselho Ultramarino, e de estar encarregado da redação do que irá ser o Ato Adicional à Carta.

Por decreto do Rei D. Pedro V de Portugal, datado de 25 de junho de 1851, Garrett é feito Visconde de Almeida Garrett, em vida (tendo o título sido posteriormente renovado por 2 vezes). Em 1852 sobraça, por poucos dias, a pasta do Negócios Estrangeiros em governo presidido pelo Duque de Saldanha. Em 1852 é eleito novamente deputado, e de 4 a 17 de Agosto será ministro dos Negócios Estrangeiros. A sua última intervenção no Parlamento será em Março de 1854 em ataca o governo na pessoa de Rodrigo de Fonseca Magalhães.

Falece a 9 de dezembro de 1854, vítima de um cancro de origem hepática, na sua casa situada na atual Rua Saraiva de Carvalho, em Campo de Ourique, Lisboa. Foi sepultado no Cemitério dos Prazeres, em Lisboa, tendo sido trasladado a 8 de Março de 1926 para o Mosteiro dos Jerónimos. Os seus restos mortais foram posteriormente trasladados para o Panteão Nacional da Igreja de Santa Engrácia quando do término deste edifício. A cerimônia ocorreu em homenagem a si e a mais outras ilustres figuras portuguesas, entre os dias 1 e 5 de dezembro de 1966.

*Wikipédia
Janeiro, 2014*

ÍNDICE

ADVERTÊNCIA.....	1
INTRODUÇÃO.....	2
LIVRO PRIMEIRO	
HINO À POESIA.....	6
A JÚLIA.....	8
O MAR.....	10
BELEZA E BONDADÉ.....	18
O SACRIFÍCIO.....	18
A LIRA.....	19
GOZO DA VIDA.....	20
DE ANACREONTE.....	21
A ROSA.....	22
A POMBINHA.....	22
O GÊNIO DE PÍNDARO.....	24
GLICERA.....	25
O INVERNO.....	26
A ESPADA DO POETA.....	26
ÓSCAR.....	27
A DOMINGOS SEQUEIRA.....	34
A CAVERNA DE VIRIATO.....	36
A SOMBRA DE VIRIATO.....	41
L'ANTRE DE VIRIATHE.....	42
L'OMBRE DE VIRIATHE.....	45
O ANO VELHO.....	46
A TEMPESTADE.....	47
TRONCO DESPIDO.....	48
SOLIDÃO.....	49
LIVRO SEGUNDO	
A VITÓRIA DA PRAIA.....	52
O JURAMENTO.....	65
NO ÁLBUM DE UM AMIGO.....	67
NÃO CREIO NESSE RIGOR.....	67
RAMO DE CIPRESTE.....	68
FLOR SINGELA.....	69
RAMO SECO.....	70
NUNCA MAIS.....	71
A MINHA ROSA.....	76
SUSPIRO D'ALMA.....	77
O EMPRAZADO.....	77

A ESTRELA.....	81
L'ALCYON AU CAP.....	81
O ALCÍONE NO CABO.....	83
O FAROL E O BAIXEL.....	85
SENTENÇA DE AMOR.....	86
GRINALDA.....	87
JÁ NÃO SOU POETA.....	88
LIVRO DA VIDA.....	89
AS MINHAS ASAS.....	89
KYRIELEISÃO.....	91
OLHOS NEGROS.....	92
A UMA VIAJANTE.....	92
ELA.....	93
NOVA HELOÍSA.....	100
O NATAL DE CRISTO.....	103
REDENTOR.....	107

ADVERTÊNCIA

Das poesias líricas do autor de Camões e de Dona Branca, o público pouco mais possui do que a coleção impressa anonimamente em Londres em 1829 com o título de *Lírica de João Mínimo*. Ou não a conhecia, ou não lhe conhecia o autor, a *Revista Estrangeira* de Londres quando, em 1832, lamentava não ter visto os ensaios poéticos do nosso insigne escritor, a quem principalmente avaliou como o crítico e historiador literário.

Achando-se extinta, ha muito, aquela edição, tratamos de a reproduzir conforme o prometido no programa destas obras; e tendo recorrido ao autor, que a reviu e aumentou, e coordenou mais regularmente pela ordem dos tempos, havemos dele juntamente a presente coleção, que é o complemento e continuação d'aqueloutra; pois que a *Lírica de João Mínimo* é a escolha das composições líricas do Sr. Garrett desde seus mais tenros anos, começa em 1815, termina em 1823, isto é, dos doze aos vinte, vinte e um anos do nosso autor; e o presente livrinho compreende tudo o que ele julgou dever deixar publicar do que tem escrito no mesmo gênero daquele ano em diante.

Feita esta preciosa aquisição, pareceu-nos que os desejos do público seriam melhor satisfeitos começando por ela a imprimir desde logo, e deixando a coleção antiga, já mais conhecida, para o depois.

Resta-nos dizer que, pela nova e melhor ordem que agora levam as coleções, duas ou três peças que andavam, por incorreção de datas, na *Lírica de João Mínimo*, tiveram de passar para a presente coleção, assim como n'aqueloutra se foram colocar muitas que lá faltavam.

Lisboa, 10 de Junho
1844

FLORES SEM FRUTOS

Enquanto fui poeta afrontei-me que mo chamassem; hoje tenho pena e saudade de o não poder já ser. Era uma viciosa vergonha a que eu tinha, porque não há melhores nem mais nobres almas que as dos poetas: agora o conheço bem, desde que o não sou, e que sinto as picadas das más paixões e dos acres sentimentos da baixeza humana avisarem-me que está comigo a idade da prosa; – como ao que teve folgazão e solta mocidade o avisam os primeiros latejos da gota de que lhe está a velhice a entrar em casa.

Dieta, regularidade e moderação prolongam a juventude do corpo; mas quando a alma chegou a enrugarse, não há higiene que a desfranza. A minha está velha; e a todos os achaques da velhice, junta essa fatal e matadora saudade do passado. Quanto dera eu por ver e sentir como via e sentia quando pensava pouco e sentia muito! Quem me dera ser o louco, o doido, o poeta que eu tinha vergonha de ser! E de que me serve a reflexão, a experiência, a razão como lhe chamam, senão: é para ver de outro modo as ilusões da vida, para as ver do lado feio, torpe, baixo e vulgar, quando eu as via dantes esmaltadas de todas as cores do Íris, belas de toda a poesia que estava na minha alma, grandes de todas as virtudes que eram no meu coração!

Ora pois! não sou já poeta; podem-me fazer “almotacé do meu bairro”, quando quiserem. Forte sensaborão ganhou a pátria! E custou: que levaram muito tempo e muito trabalho para me despoetizarem; foram precisos anos de rudes lutas, centos de desenganos, milhares de desapontamentos para me fazerem conhecer o mundo como ele é, os homens, como eles são. Cheguei enfim a isso, e deixei portanto de ser poeta. O meu horto de flores tão queridas e mimosas, que não davam fruto, mas alimentavam a vida com seus aromas de benéfica e nutriente exalação, que eram como aquelas outras flores de que disse Camões:

*Contam certos autores
Que, junto da clara fonte
Do Nilo, os moradores
Vivem do cheiro das flores
Que nascem naquele monte;*

o meu horto vou plantá-lo de luzerna e beterrabas. E arranquemos estas flores sem fruto, não as veja algum utilitário que me condene, de relapso, a ir, de carocha e sambenito poético, arder nalgum auto-de-fé que por aí celebrem em honra de Adão Smith ou de João Batista Say, ou dos outros grandes homens cuja ciência é como a do Horácio de Shakespeare que não vê “mais coisa nenhuma entre o céu e a Terra do que as que sonha a sua filosofia.”

Não as colhi pois, arranquei-as, estas pobres flores que aqui enfeixo numa triste e última capela para deixar pendurada na minha cruz; e aí murche e seque ao sũo ardente do deserto em que fica, até que me venham enterrar ao pó dela, aqui onde eu quero jazer junto das últimas recordações poéticas da minha vida, dos últimos sonhos que sonhei acordado; e que valem mais do que todas as realidades que depois tenho visto.

E não cuides, amigo leitor, que eu quero dizer nisto que não fiz senão versos até agora, que não farei senão prosas daqui em diante. Por meus pecados, fiz mais prosas que versos, e ajudei a gastar com elas a mocidade da minha alma e a frescura do meu coração; baixei de sobejo ao mundo das realidades, quando tinha asas para me remontar ao ideal, e pairar-me pelas regiões onde viçam as eternas flores do gênio. Fiz, quando não devia, fiz prosa em anos de versos. Quem sabe se a estulta vaidade que mo fez fazer então, me não levará também para o diante a fazer versos em anos de prosa?

Não é minha tenção, mas não o juro; que isto de ser poeta é como ser embarcado: um dia aperta a vontade, comem os desejos por tal modo, que se vai um homem por esses mares fora, e só no meio do temporal se lembra de que já não é para semelhantes folias.

Isto porém que nasce espontâneo da alma, que vem, como ejaculação involuntária de dentro, quando trasborda o coração de júbilo ou de pena ou de admiração; isto que é o falar do homem para Deus naquelas frases incoerentes, inanalísáveis pelas gramáticas humanas, porque são reminiscências da língua dos anjos que ele soube antes de nascer; isto que se entoa e se canta no coração, antes o muito mais belo do que o repita a língua, desses versos não tornarei eu a fazer, porque não posso, porque era mister que Deus fizesse o milagre de me remoçar.

São pois estas quase absolutamente as últimas coisas líricas que, por vontade e autorização minha, se publicarão de entre tantíssimas que fiz e que, pela maior parte, tenho destruído. Não faltará quem diga talvez que melhor fora que o fizesse a todas. Mas não é essa a opinião nem a vontade das maiorias que consultei. E já se vê que, segundo a moda dos tempos, eu consultei as minhas maiorias, e não fiz caso das outras: às quais todavia – e não à moda do tempo – deixo o direito salvo para ralar livremente e como quiserem.

Já se vê bem assim o porque ponho este título de Flores sem Fruto à pequena coleção de poesias que aqui vai. Nem todas são de Primavera estas flores; há de várias estações: fruto E que nenhuma deu. Deixariam de ser flores poéticas se o dessem.

O nosso Miguel Leitão chamou à sua Miscelânea. E salada de várias ervas - e esse príncipe alemão que é tanto moda, e que escreve com tão desgarrada elegância, pôs a uma das suas coleções de rapsódias críticas o título italiano de Tutti-ftutti, que significa o mesmo quase. E não cuidem que este príncipe que cito, com sor príncipe prussiano também, é o aventureiro que aqui andou há dois anos a rabiscar sensaborias a respeito da nossa terra, metendo para o saco toda quanta calúnia e mentira lhe deram os estrangeiros e estrangeirados que nos devoram e detestam, para as espalhar depois pela Europa, a fim de que o mundo diga: “Muito favor lhe fazem os opressores daquele bruto e estúpido Portugal em o governarem a pontapés e lhe tirarem o último cruzado novo de que ele não sabe usar!”

Bendita seja a nobre e generosa princesa que tratou o bandoleiro como ele merecia, e que não tolerou diante de si o caluniador da sua família o da nação que a adotara! Assim fizessem os outros!

Não senhor; Semi-lasso, autor de Tutti-frutti é outra casta de príncipe: talvez o tratassem mal aqui se ele cá viesse. E não me peja de seguir o seu exemplo de longe, escolhendo o título que escolhi para esta miscelânea de reminiscências poéticas.

Mas nem somente são de várias estações, são também de várias e mui desvairadas espécies estas flores. Ao pé do acanto da lira antiga, vai o trevo e o

goivo que enramavam o alaúde romântico; o nardo, a manjerona e a mesma rosa da Palestina ousaram crescer entre o loto e os mirtos da Ática: e não em jardim simétrico, riscado a régua e compasso como os do século passado, mas de paisagem livre em que se aproveitaram os descuidos e acidentes da natureza e do terreno.

Algumas poucas peças políticas leva esta coleção; e delas há que nem eu já entendo bem; tanto mudaram, em tão poucos anos, circunstâncias e pessoas que as inspiraram. Mas não as podia tirar de um livro em que vai consignada a maior ou a melhor parte das minhas sensações poéticas em toda uma época, e essa a mais aventureira, a mais cheia e mais importante da minha vida.

Novembro, 3 – 1843

LIVRO PRIMEIRO

I

HINO À POESIA

Praesidium et dulce decus meum

Horat.

Oh meu amparo, oh doce glória minha,
Tu com quem me achei sempre,
Na desgraça, na mágoa e nos pesares
Para me consolar;
Que me dás voz, suspiros, desafogo
Quando a ventura é tanta
Que pesa na alma – e o coração é cheio
A estalar se não fala!
Como te invocarei, que santo nome,
Filha do céu divina,
Te hei de eu dar, o Poesia, encanto, afago
Da minha juventude?
Nunca te chamo, que benigna, amável
Não desças do céu puro
A mãos-cheias trazendo as magas flores
Que te viçam eternas
Nesses jardins de glória e formosura.
Vens – mas tão vária sempre!
E ora te vejo, no êxtase sublime,
Ninfa ligeira e bela,
Como as despidas graças, nua, ingênua,
De azuis, rasgados olhos
Que ou já cintilam, vivos, do desejo
As ardentes faíscas,
Ou serenos coa posse, em gozo lânguido
Meigos, tranquilos brilham...
Ora, caídas pelos ombros níveos

As longas, longas tranças
Te vão flutuando soltas... Nas coreias
Que em dança alegre travas
Com os alados hinos que te cercam,
E ao som da arguta lira,
Formas, sem arte, desvairados passos,
Ou já rasteiros, lentos,
Ou tão altos que zéfiro te espalha
As raras, leves roupas.
Já, acordando em modo altivo e nobre
A cítara canora,
Dos deuses, dos heróis ergues louvores
Aos sublimados astros;
Já maviosa, em canto mais singelo,
Os dons da Natureza,
Os tranquilos prazeres da virtude,
Os mimos da inocência
E os serenos gozos da amizade
Suavemente entoas.
Já, no êxtase de amor, no rapto ardido
De amante entusiasmo,
Sopras a chama que a beleza ateia,
E avivas as delícias
Que o deus dos corações infundiu na alma
De um par que ele juntara...
Como tímida então pedes, suplica;
E com lânguido acento
Tênuo favor imploras suspirando!
Mas logo ousada... roubas
De entre o virgíneo, recatado seio
Acre beijo que há pouco
Mal inda ousavas suplicar modesta
Para o colher dos lábios!
Toda és júbilo então. – Mas quantas vezes
Os olhos enturvados,
Pálida a frente, desgrenhada, em pranto,

Ansiando de amargura,
Ais de angústia e de morte soluçando,
Gemes coa lira e choras!
Negras suspeitas, áridos ciúmes,
Desleais inconstâncias
Te andam de em torno esvoaçando em uivos.
E não és menos bela,
Menos gentil então! Das faces pálidas
As lágrimas, a fio,
A fio deslizando, caem, batem
A espaços compassados
Na cava lira – e uns ais sumidos, mortos,
De harmonia divina,
Vêm traspasar o coração de mágoa...
Mágoa!... prazer dos céus.

1823

II

A JÚLIA

Seele rann in Seele.

Schiller

I

Oh, que suave foi este momento
Que dormi tão feliz, tão descuidado'
Andou-me o pensamento
Voando nas delicias do passado,
Requintando o mais puro
Dos gozos que me deste,
Para formar esp'ranças de um futuro
Mais divino e celeste.

II

E tu, Júlia querida, não dormiste?

Insensível caíste
Nessa tristeza do doçuras cheia
Que as almas como a tua
Tão brandamente enleia
Em acordados sonhos de ventura.

III

Ambos fomos ditosos.
É só dado aos amantes venturosos
Dormir sonhos tão doces:
Vêm depois os prazeres despertá-los
Coa alegre travessura
Amor vem acordá-los.
Ele te chama, suspirada amante,
Pela vos da ternura.
Deixa a melancolia:
São tranquilos de mais seus tênues gozos.
No seio da alegria.
Nos braços da ventura,
Vem comigo folgar por estes bosques,
Por entre esta espessura.

IV

Demos demão a sérios pensamentos.
Enquanto o Sol dardeja
Para longe de nós raios de fogo,
Aqui, onde viceja,
As escondidas dele, a Primavera
Com tão frescos verdores,
Cozemos nossos plácidos amores.

V

As dríades sensíveis,
Que dentro desses troncos nos escutam,
Oçam nossas conversas aprazíveis
As expressões amantes

De dois peitos constantes
Em suas verdes cortiças escrevendo,
Como elas vão crescendo,
Cresçam nossos amores:
E quando, pelas copas remoçadas.
Brotarem novas flores
Nas árvores lembradas
De tão doces momentos,
Serão mais lindas suas lindas cores,
Serão mais engraçadas.

VI

Talvez que a mão de algum amante as colha
Para adornar o seio
Do seu querido enleio
E esse amante dirá: – Júlia a formosa,
Júlia, tão adorada,
Aqui foi venturosa:
Seja feliz como ela a minha amada! –

VII

Assim dirá: e as dríades lembradas
Rirão do voto ufano:
Que elas bem sabem como o deus tirano
Jurando prometera
Que tanto, tanto amor como ao meu dera
Não o poria mais em peito humano.

182...

III

O MAR

*He seized his harp which he at times could string...
While flew the vessel on her snowy wing.
Child Harold.*

I

Doce esperança, nume benfazejo,
Vem enxugar-me as lágrimas saudosas
Que em fio destes olhos me deslizam;
Coa ponta do alvo manto ameiga a face
Que o acre ardor do pranto me há crestado,
Vem consolar-me, vem: alenta o peito
Cum fagueiro sorrir desses teus lábios,
Manda-me um raio teu de luz serena
Que o resfriado coração me esqueça.
Oh dos amigos, do meu bem não quero
Que me apagues suavíssima lembrança:
Dize-me só que tornarei a vê-los.
Que dos p'rigos que em torno me circundam
Hei de inda a salvo descansar com eles,
E já sem medo recontar fadigas
De procelas, de calmas acintosas,
Duras rajadas, furacões tremendos,
E quantos ora me rodeiam males
Que, olhos fitos em ti, vou suportando.

II

Vem, à deusa, da vista enevoadada
Sopra-me a cerração de atra saudade:
Deixa-me olhar pela extensão dos mares
E ver no imenso das cerúleas ondas
Afigurar-se a imagem do infinito.
Oh! como é grande a mão da Natureza!
Que vastos plainos de ante mim se estendem,
E vão em derredor nos horizontes
Topar coas bases da celeste abóbada!

III

Vai-se aclarando agora o firmamento
E azulando-se o mar coa luz nascente
Do primeiro, tenuíssimo crepúsculo.

Ei-la que assoma, despontando apenas
Cos róseos dedos, a formosa aurora
Vem brandamente a desparzir no pólo
As roxas, lindas flores, rociadas
Do matutino, benfazejo orvalho,
Talvez por mãos dos zéfiros colhidas
Nos jardins Ulisseus, nas brandas veigas
Ao remanso do plácido Mondego...
Talvez ontem ainda a minha amada
Lhe respirasse o lisonjeiro aroma...
Oh! recolhei-as, amorosas filhas
Do plácido Nereu, ide nos colos
Dos Tritões namorados, ide ao Tejo
E ao manso rio que engrossaram prantos
Da malfadada Inês, ide, levai-lhas
Aos do meu coração, o amigo, a amante:
Dizei-lhes que eu, eu sou que vos envio.
Que depós vás o coração me foge,
E que só vivo nas memórias deles.
Ide ligeiras, sim, correi, à ninfas...
Mas oh! do pátrio meu Douro sombrio
Ai t não, não vades demandar as praias...
Amargosa e cruel me veda a sorte
Recordá-lo sem dor... Férreas angústias
Lá mísero sofri... lá neste peito
Verteu perversa mão do deus dos males
Quanto fel espremeu do peito às fúrias,
Quanto veneno lhe escumou dos lábios.
A ingrata... Ah! nunca mais me lembre o Douro:
Suas riquezas para si que as guarde.
Suas águas turvas impetuoso as role
Por entre as calvas penedias brutas
Que a lôbrega torrente lhe comprimem:
Vá, que a mim saudades não mas deixa:
Só tormentos me deu, não posso amá-lo...

IV

Esqueçamos memórias que afadigam,
E o espetáculo augusto contemplemos
Desse nascente dia. Com que pompa
Se ergue das ondas o astro luminoso.
Como nos raios se aviventa o lume!
Vai crescendo o fulgor à luz nascente,
Douram-se em derredor os horizontes.
O mar se espelha e reverbera o brilho...

V

Salve, imagem do Eterno! olho do mundo
Que a doce vida no Universo esparzes
Ao teu assomo as delicadas flores
Vão na hástia humilde endireitando as frentes.
Já pela copa às árvores frondosas
Os fechados botões se desabroçam,
Pula na terra germinando e cresce
A encerrada semente, esp'rança e fito
Do lavrador cansado. Ó terra, e quantos
Quantos encobres ávida mistérios
Que nos teus penetrais obram seus raios!
E mais – por muito tempo a nós vedá-los
Não o imagines, não: vês essa deusa,
Pálido o rosto, os olhos encovados.
Cos ferros curvos que em teu seio embebe
Rasga, franqueia? – É a sórdida cobiça
Que por tuas entranhas laceradas,
As ricas veias dos metais sangrando,
Lá vai cavar os crimes e flagícios
Que hão de enfezar a triste humanidade...

VI

Oh Sol! quanto é sublime nessa esfera
A majestade tua! com que império
Dardejas fogo nos aquosos plainos!

Tua vista só no coração cortado
Do triste viajante alenta a esp'rança.
E eu, pela espalda de viçoso outeiro
Não te vejo surgir, nem brandamente
Ir-se cos raios teus dourando as messes,
Prateando o arroio, os campos esmaltando...
Não oiço pelos floridos raminhos
Modular filomena as doces queixas,
Nem pastora gentil vejo no prado
Ir conduzindo os alvos cordeirinhos.
Nada, nada descobres a meus olhos...
Só tu e o vasto mar... e a saudade.
Mas há nesta solidão também prazeres:
Para quem?... para o sábio? – O sábio preza
O fasto aparatoso das ciências:
Não vêm soar-lhe aqui da fama os brados,
Nem tanger-lhe os clarins que os evos ganham,
O ambicioso? o avaro? – A todos esses
Estéril é de gozo a soledade.
Quem te ama pois, à solidão dos mares?
O coração singelo, e nunca eivado
Do veneno do crime, nem pungido
Do açacalado espinho dos remorsos.
Por essa imensidão de céus e de águas
Sua alma se dilata e desafoga:
Doce dos olhos lhe devolve o pranto
Coa lembrança dos cândidos amigos;
Prazeres que gozou recorda, e folga,
Novos medita, e em meditá-los goza:
No seio se reclina à natureza,
E deixa às vagas disputar-se o espaço.

VII

Insondável mistério! eu curvo a frente
Humildosa ante o Ser que te governa,
Ó mar, alto pregão da voz do Eterno.

Teus rugidores sons na tempestade
Aclamam seu poder: e o teu silêncio
Na mudez majestosa testemunha
Sua grandeza imensa. O homem se perde
No arcano de tuas leis: e os séc'los passam.
Correm os anos, dias se apressuram,
Fogem as horas, os instantes, voam.
E em derredor do circulo dos tempos
Suam, no curto espaço da existência.
Um depós outro, humanos sabedores
Sem o menor colher de teus segredos.

VIII

Qual te imagina o pai deste universo
Que, aglomerando multiformes massas,
Lhe deras ser primeiro: qual... – Mas onde,
Fraqueza de homens, não levaste o homem
Quando, lutando a mesquinhez do engenho
Coa imensidão dos seres, o desvaira!
És elo da cadeia da existência,
Pensador animal! a altiva fronte
Sobre o pó do teu nada abate e humilha:
Vive essa vida, saboreia o favo
Que na vida te deu a natureza:
No instinto do teu bem segue a virtude,
Dentro do coração lá tens um livro,
Nesse cumpre estudar, esse aprendê-lo...

IX

Que manso vai, coas velas enfunadas
Do amigo sopro de galerno vento.
O ligeiro baixei, varrendo as ondas
Não cobre o manto azul do céu sereno
Nem o pardo menor de nuvem fusca:
E mal encrespa a superfície às águas
De amena viração doce bafejo.

Folgam de em torno os mudos nadadores,
Enquanto sequioso o marinheiro
Ou no traidor anzol lhe esconde a morte,
Ou no farpão certo lha dardeja.
E ele que mal vos fez? A natureza
Não lhe deu como a vós também a vida!
Oíço que me responde o despeitoso
Brado fatal do ríspido britano: (*Hobbes*)
– E teu estado, à natureza, a guerra... –
Cumpra a destruição às leis da vida
E na longa cadeia da existência
Convêm... Que intentas desvairada musa?
Os que a divina mão selou mistérios
Queres sondá-los? Apoucado e breve
Se estende além de nós o vasto mundo;
E mui perto os limites escasseiam
Dos humanos curtíssimos sentidos...

X

Como está leite o mar Não, mais serenas
As namoradas vagas não folgavam
Quando a meiga, belíssima Ericina
Do espúmeo gérmen ressurgiu formosa.
Mar, do teu seio a deusa dos amores
Veio adoçar os fados do universo,
Dar a vida ao prazer, prazer à vida,
E o dulcíssimo favo do deleite
Espremer, derramá-lo na existência.

XI

Que, mal a frente airosa ergueu das ondas
E as descuidadas tranças mal enxutas
Pelos ombros de neve debruçadas
Arredou co alva mão dos olhos negros,
Do seio lindo voluptuosas chamas
Súbito os mares rápidas lavraram:

Corre o fogo divino e delicioso,
E o reino inteiro de Netuno abrasa.
As bonançosas, acalmadas ondas,
Beijando as curvas praias, vem na terra
O incentivo depor de etéreos gozes.
Voa a flama subtil ao céu e aos astros;
Não sabido prazer no Olimpo os numes
Sentem no coração banhar-lho em gosto.

XII

Nasceu Vênus gentil, folgai: com ela
Vêm os amores e as despidas Graças.
As rosas do deleite desparzindo
Na alvoraçada esfera. Em bando alegre
Jocos, risos brincões de em torno a cercam,
Ávidos beijos, lúbricos revoam,
Correm alados sôfregos desejos:
E as verdes roupas desprendendo ao vento,
De alva amendoeira coroada a frente,
Ante eles todos a Esperança os guia.
Ferve o granizo das douradas setas
Que alígeros frecheiros vão tirando,
Nuvem de corações corre a entregar-se.
E nos laços gentis prender contentes
A mui pesada, inútil liberdade.

XIII

Oh! que banhar de goste delicioso!
Que afogar de prazer homens e numes!
Como derrote o gelo da indiferença
Ante a divina, abrasadora chama!
Como se espraia pela vida o gosto!
Como à existência os vínculos se estreitam!
Come por eles da cadeia eterna
O ser se alonga, reproduz e aviva!
Mar! que venturas te não deve o mundo...

XI

Filha das ondas Citereia bela,
Maga deusa de amor, oh! não consintas,
Oh! não consintas que o teu vate anseie,
Sofra em teu reino despregados Euros
Torcer-lhe o rumo, desvairar-lhe a proa
E cavar-lhe de em terno as grossas vagas.
É teu império o mádido oceano...
E no mundo que há que teu não seja?
Tu cum sorriso as fúrias lhe assossegas,
Cum sé faqueiro olhar as iras ornas
Lhe quebras docemente e lhas abrandas:
Que esse que outrora pelo virgem pego
Ousou primeiro confiar-se aos ventos
Teu amparo o salvou, teu meigo auxílio
Lhe abonançou as cérulas campinas...
.....

182...

IV

BELEZA E BONDADE

(De Safo)

Quando ávida contemple a formosura,
Tão breve é meu prazer que foge co ela:
Mas bondade e lisura,
Mas a inocência, oh! essa é sempre bela.

182...

V

O SACRIFÍCIO

(De Safo)

Vem, Átis, coroar de infantas rosas
Essa frente engraçada, – o as tranças móveis
De teus áureos cabelos, deixa-as soltas
Pelo colo de neve.
Oh! que amável pudor te anima e cora!
Vem: colhe com teus dedos melindrosos
Frescas boninas, doces violetas
De suavíssimo aroma:
Que a vitima de flores coroada
Sempre é mais grata aos deuses.
Vem: teremos Estas selvas sisudas por altares,
Onde a minha ventura
Me há de elevar aos numes soberanos,
Enlaça em torno a mim essas grinaldas
Reclina-te em meu seio, os olhes belos
Para os meus olhos volve...
Que linda coras! que formosos lábios!
Essa polida tez não cede às flores:
Não, que a viveza de sua cor brilhante
O esplendor não te ofusca.

182...

VI

A LIRA

(De Anacreonte)

De gosto cantara Atridas,
E a Cadmo erguera louvor
Porém as cordas da lira
Só sabem dizer amor.
Há pouco, mudando-a toda,
Novas cordas lhe assentava,
E de Alcides os trabalhos
A cantar principiava:
Mas, contra as minhas tenções,

Em vez de marciais furores,
De teimosa e como a acinte,
Sempre vai soando amores,
Adeus, heróis! adeus, glória!
Adeus, guerreiro furor!
As cordas da minha lira
Só sabem dizer amor.

182...

VII

GOZO DA VIDA

(De Anacreonte)

De loto e de murtas
Num leito virente,
Bebendo contente,
Me vou recostar:
E os copos alegres
Me venha Cupido.
De gala vestido.
Aqui ministrar.
Qual roda de coche
No giro apressada,
A idade açodada
Nos voa a fugir.
Desfeitos es esses
Em vã cinza leve,
Iremos em breve
Na campa jazer.
Porque hão de os sepulcros
Em vão ser ungidos,
E esses dons perdidos
A terra sorver?
Dá-me antes em vida
As cr'oas de rosas,

E essências cheirosas
Para me eu tocar,
Ou traz-me uma bela
Que cem seus amores,
– Enquanto aos horrores
Do Orco não vou –
Me venha estes gostos
Dobrar melhorados,
E os negros cuidados
Todos dissipar.

182...

VIII

(De Anacreonte)

Ao touro deu córneas pontas
A próvida natureza,
Deu à lebre a ligeireza,
E a dura pata ao coroei.
A voar ensina às aves,
A nadar ao peixe mude
E deu ao leão sanhudo
O dente destruidor:
Aos homens deu a prudência:
A mulher não pôde dá-la...
Acaso quis deserdá-la,
Ou então com que a dotou?
Por armas e por defesa
Deu-lhe as formas engraçadas
Que e ferre, o fogo, as espadas,
Que tudo pedem vencer.

1823.

IX

A ROSA

(De Anacreonte)

A rosa a amor consagrada
A Lieu associemos:
Coas folhas da linda rosa
Nessas frentes coroemos,
Entre os copos a brincar.
A rosa é a honra das flores.
É o amor da Primavera,
É dos numes o deleite:
E o menino de Citera,
Quando aos cores vai das Graças,
Leva sempre as tranças belas
Cem delicadas capelas
De lindas rosas toucadas.
Eia pois! tu me coroa
Se me queres, ó Lieu,
Cantando no templo teu
Doces hinos a entoar.
Irei, de rosas coroado,
Com gentil donzela ao lado,
Eu mesmo as tuas coreias
Co sacro tirso guiar.

1823.

X

A POMBINHA

(De Anacreonte)

De onde vieste,
amável pombinha,
Gentil avezinha,
Aonde é que vás?

De onde trouxeste
Aroma tão brando
Que esparzes, voando,
Por todo esse ar?
– Foi Anacreonte
Que ao seu bem amado
Com meigo recado,
Aqui me mandou:
Seu bem, que reparte
Dos lumes divinos
Ao mundo os destinos
Num lânguido olhar.
Da maga Citera
O cego menino,
A troco de um hino
Ao vate me deu:
Sou de Anacreonte
Agora o pacote,
É dele o bilhete
Que vou entregar.
Prometeu-me cedo
De dar-me alforria,
Que eu antes queria
Sempre escrava ser...
Que gosto é no mato
Andar pelas fragas,
Viver só de bagas,
Nos ramos dormir?
Da mão de meu dono
Como alvo pãozinho
E só bebo vinho
Do que ele me dá.
Às vezes alegre
Saltando, esvoaço,
E sombra lhe faço
Coas asas a dar;

Ou quando me sinto
De sono pesada,
Na lira doirada
Me deito a dormir.
Adeus! que me fazes
Ser mais palradeira
Que a gralha grasneira
Com o teu perguntar.

1823.

XI

O GÊNIO DE PÍNDARO

(De Horácio)

Quem atrevido quer lutar cem Píndaro,
Fia-se em asas que pegou com cera
A arte dedálea – e há de ir dar seu nome
Ao vítreo pego.
Como esse rio que engrossou coa cheia,
E vem do monte, as ribas alagando,
Tal ferve e corre da profunda boca
Píndaro imenso.
Sempre dos louros apolíneos digno:
Ou ditirambos cante em neves termos,
E livre entoe numerosos versos
De regra soltos:
Ou cante es numes, ou reis sangue deles
Que justa morte deram a Centauros,
E hórridas chamas apagar puderam
Da atra Quimera:
Ou vá coroando cem os dons das Musas
Os que, vencendo na corrida ou luta,
Ricos das palmas de Élide que cingem
Aos céus se elevam;
Ou sobre a esposa abandonada chore

A quem roubaram o marido jovem,
E áureos costumes e a virtude exalte,
Pragueje o Inferno.
É forte a aura que, em subindo às nuvens
O dirceu cisne, lhe propele os voos,
Eu, meu Antônio, como a abelha humilde
Que afadigada
Por bosque e prados, às ribeiras úmidas
Colhe do Tíbure os tomilhos gratos.
Assim a custo meus lidados versos
Componho tímido...

1823.

XII

GLICERA

(De Horácio)

Manda a mãe dos amores,
Da tebana Sêmele ordena e filho,
E a lasciva licença,
Que a já findes amores volva o ânimo.
De Glicera que brilha
Mais pura do que o mármore de Páris
A nitidez me inflama:
Grato me inflama o garbo desenvolvido,
E aquele gesto lindo,
Tão tentador, tão lúbrico de ver-se.
Chipre desamparando,
Vem toda, Vênus sobre mim de golpe:
Nem já cantar de Círcis,
Nem do Parto esforçado e cavaleiro,
Que no corcel voltado,
Fugindo e pelejando, se retira...
Nada que seu não seja.
Nada já me consente, –Aqui, mancebos,

Trazei-me aqui verbenas,
E ponde-me em altar de toijas vivas
Taças de vinho, incensos:
Que a vitima será depois mais branda.

1823.

XIII

O INVERNO

(De Alceu)

Júpiter chove, pelo céu se enturva
Fremente o ar:
Túrgidas crescem as torrentes grossas
Da água a jorrar.
Frígido Inverno! morra nas fogueiras
Do roxo lar.
Corra-nos vinho, franco, de mão larga,
Vamos, virar!
Beba-se, e já; porque a luz havemos
Ainda esperar?
Rápido é e dia, lentos são pesares,
Maus de acabar:
Deu-no-lo, e vinho, de Sêmele o filho
Para os matar.
Válidos copos, um a um, cá dentro
Se vão juntar:
E áspera luta travam na cabeça,
Que hão de quebrar.
Água?... mostrar-lha: duas vezes vinho
A tresdobrar!

1823.

XIV

A ESPADA DO POETA

(De Alceu)

Eu coroarei de mirto a minha espada,
Como a de Harmódio, honrada,
E como a de Aristogíton, o forte,
Quando ao sevo tirano deram morte,
E Atenas libertada
Foi à igualdade antiga restaurada.
Tu não morreste. Harmódio, oh não! tu gozas
Nessas ilhas ditosas
Serena vida cos heróis que aí moram,
E onde, cremes, demoram
Diômedes, o valente,
E Aquiles, e veles, eternamente.
De mirto a minha espada
Trarei como Aristogíton c'roadada,
E come Harmódio oferte
Que à vingança a reserva.
Quando, nos sacrifícios de Minerva,
Ao tirano Hiparco deram morte.
Em prezada memória
Viverá para sempre eternamente,
Harmódio, a tia glória,
E a tua, Aristogíton valente.
Que o tirano mataste,
E à liberta cidade
O usurpado direito restaurastes
Da primeira igualdade.

1823.

XV

ÓSCAR

(Imitação de Ossian)

I

Árida em torno a mim a natureza
Só descalvadas penedias brancas.
Só cresco, alvo regelo me descobre:
Dorme a vegetação nos troncos secos.
Morre no leito congelado e rio...
Toda repousa em lúgubre silêncio
A vida de universo. – em frio espasmo
Da existência parou cansada a máquina.
Desabrida estação! quanto a minha alma
Se embebe na mudez de teus horrores!
Todo e vigor se me acolheu do corpo,
Ao coração no peito; – a alma compressa
Ressalta e pula às regiões etéreas.

II

Veloz imaginar, nas asas tuas
Eis-me librado! pelos ares vago
E espaços vingo de alongados mares,
Desço na terra e poiso... Oh! qual me cerca
Enrevesada cerração confusa!
É mundo isto que vejo, é terra ainda
Esta que piso?... Não descobrem olhos
Mais que nuvens e horror, trevas e caos...
Lá se adelgaça um pouco a névoa grossa:
Vejo ouriçar-se pontiagudas penhas
Hirtas de abrolhos a alvejar coa neve...
Lá caí de chofre em catadupa, e soa
Horrendamente, com fragor tremendo
Torrente imensa na soidão do vale:
Ei-la sombria se devolve e espraia
Pela extensão de um lago...

III

... De além vejo

Vir pelos topos dos fronteiros montes
Grave e pausado silencioso velho
Em vagaroso passo caminhando.
Longa dos ombros ao talar lhe desce
Alva, comprida túnica: na destra
Traz uma hástia de lança farpeada.
E pendente da esquerda uma harpa antiga
Onde o vento ressoa em ocos ecos.

IV

Gemeu de os escutar o ancião dos tempos,
E de profunda mágoa lhe soluça
O peito descarnado. Ei-lo que a toma
Nas mãos trementes, e lhe apalpa as cordas
Esbambeadas do vento, e desmontadas
Do longo correr de anos. Já se afina,
Já troa altivos sons em modo lúgubre
Mas desusado e novo. Oh, que de Tura
É este o vate, Ossian este é por certo.

V

Não me enganei; era de Ossian a sombra,
E assim cantou:
– Óscar, Dermid são mortos:
No florecer de esperançosos anos,
Ceifou amor cruel tão caras vidas.
Caruth é pai de Óscar, Caruth os chora,
E a morte dos mancebos infelizes
Conta ao filho de Alpin. – Porque, diz ele,
Porque abrir-me de novo a fonte ao pranto,
Porque outra vez o peito me laceras?
Filho de Alpin, porque a pedir-me volves
A triste narração daquela morte?
Óscar, Óscar, meu filho!... Ai, destes olhos
Já se afogou a luz no mar das lágrimas:
Só a memória das desgraças minhas

Dentro no coração inda não morre
Como hei de eu outra vez voltar minha alma
Aquela história fúnebre... a essa morte
Do maior dos heróis? – Chefe dos bravos,
Nunca mais te verei, Óscar, meu filho?

VI

Ah, desapareceu de sobre a Terra,
Qual no meio da horrenda tempestade
O astro da noite, como o Sol brilhante
Quando pejada cerração de nuvens,
Que das águas se elevam, se condensa,
E as crespas, fuscas rochas de Ardanider
Co negro manto pálida rebuça.
E eu triste, eu só no solitário albergue
Definho, a pouco e pouco, em mágoa, e Seco,
Qual erme antigo da escabrosa Morven
Que árido vento despojou dos ramos,
E que, ao mais leve sussurrar do Norte,
Quase vacila e cai, – Chefe dos bravos,
Nunca mais te verei, Óscar, meu filho?

VII

Não cai, filho de Alpin, no campo o bravo
Como a erva do campo: a sua espada
Fuma primeiro do inimigo sangue;
Antes de sucumbir, tremendo rompe
Coa morte ao lado, os batalhões cerrados
Das boatos orgulhosas. Mas, ó filho,
Mas tu, meu caro Óscar, mas tu morreste
Sem que inimigo algum fosse, a teus golpes,
Na região da morte anunciar-te.
Tinta no sangue a tua lança, oh triste!
Do teu amigo foi...
Um só nos peitos
Óscar, Dermid um coração só tinham:

juntos iam ceifar da guerra aos campos,
E sua estreita amizade era mais forte
Que o aço da armadura que os vestia.
Entre ambos, sempre unidos rias batalhas,
Marchava a morte sempre: juntos ambos
Caíam de rondão sobre o inimigo,
Quais dois rochedos que dos topos de Arven
Se despegam e caem na terra e jazem.
Suas espadas fumegavam sempre
Do sangue dos mais fortes gotejando
E só de ouvir seus nomes, enfiavam
De pálido terror bravos guerreiros.
E quem, senão Dermid, a Óscar semelha,
E quem, senão Óscar, Dermid iguala?

VIII

Dargo, o valente Dargo, a quem na guerra
Ninguém nunca jamais não viu as costas,
Dargo a seus golpes sucumbiu tremendos.
Como o dia ao nascer, mais bela ainda,
Era do morto herói a bela filha,
Doce como brilhar da branca Lua.
Tinham seus olhos o luzir de estrelas
Que através de chuvosa nuvem fulgem:
Na Primavera a suspirar da brisa
Mais suave não é que o seu bafejo;
Recém-geada nas manhãs, a neve
Que se ondeia alvejando nas estevas,
De seu cândido seio é froixa imagem.
Viram-na os dois heróis, e ambos a amaram;
Adorava-a cada um como a sua glória;
Possui-la ou morrer ambos queriam.
Porém da bela o coração rendido
A Óscar ficou, a Óscar toda se entrega:
Já cega beija a mão que o pai matara,
E não vê nessa mão de Dargo o sangue.

IX

E Dermid disse a Óscar: – “Ouve-me; eu amo,
O filho de Caruth, amo essa bela,
Sei que o seu coração por ti só bate,
Mas a minha paixão nem isso a apaga:
Óscar, rasga este peito, é meu amigo,
Seja a tua espada que me livre dela.”
– “Quê! tingir no teu sangue a minha espada!”
– “E quem, se Óscar não for, há de atrever-se,
E quem é digno de tirar-me a vida?
Morrendo por tua mão, morro com glória,
E eu quero a morte, amigo, mas honrada.”
– “Pois bem, cruel Dermid, empunha o ferro,
E às mãos de seu amigo Óscar expire.”

X

De Brano junto às margens combateram,
Tingiu-lhe o sangue as ondas fugitivas,
E sangue a relva que lhas borda em torno.
Dermid caiu... num último sorriso
De morte o doce amigo saudando.
– “Filho de Diaran” – Óscar bradava:
“Fui eu que te matei, Dermid, eu, ímpio!
Tu que no mais ferido das pelejas
Não sucumbiste nunca, agora, amigo,
Hei de-te eu ver assim morrer sem glória!...”

XI

Disso, e a mágoa quebrou-lhe a voz no peito:
Vagoroso se afasta, e ao triste objeto
Vai de seu triste amor. Ela no rosto
Lhe leu a intensa dor que o atormenta,
E disse: – “Óscar, que nuvem tão pesada
Escurece a tua alma?”
– “A minha fama

Perdi-a hoje, apagou-se a minha glória.
Sabes, filha de Dargo, a nomeada
Que eu tinha entre os archeiros: ouve agora.
De erguido tronco suspendido o escudo
Estava de Gondur, Condur o bravo
Que num combate minha mão prostrara.
Tentei de o traspasar com minhas frechas,
E em vão esforços se me foi o dia.
– “Pois bem! tentá-lo-ei eu menor?” Ihe volveu ela.
“Sabem as minhas mãos também vibrá-lo
Esse arco destruidor da tua glória.
Muitas vezes meu pai folgou de ver-me
Sempre certas cravar as frechas no alvo.”

XII

Partem. Trás do broquel Óscar se oculta...
Rápida a seta sibilando voa
Das mãos da bela para o seio amante.
– “Arco ditoso” moribundo exclama
Já todo em sangue o campeão dos montes:
“Oh adorada mão! eu te agradeço.
Quem fora digno de enviar-me às sombras,
Ao filho de Caruth quem se atrevera
Senão a filha do valente Dargo?
Ah! seja inteiro este favor, querida!
Leva-me ao pé do meu amigo, e deixa-me,
Que morrerei em paz.” – “Óscar”, responde
A donzela: “e eu não sou filha de Dargo?
Eu sei também morrer como tu.” – Disse,
E o belo seio atravessou num ferro:
Corre o sangue... ela treme e caiu morta.

XIII

Juntos descansam do ribeiro à margem:
Cobre-lhe a campa a movediça copa
De um álamo frondoso. Ao meio-dia

Desce o gamo fugaz do alto do monte
E aí vem pascor à sombra, enquanto as chamas
Ardem no firmamento, e todo envolto
Nas alvas, longas roupas o Silêncio
Era derredor dos próximos outeiros
Reina em toda a mudez da Natureza.

XIV

Assim cantava o caledônio vate;
E de seu canto as derradeiras notas
Ainda em meu ouvido ressoavam
Quando um raio de sol de luz criadora
No aposento me entrou, e a névoa toda
De Escócia dissipou, – libertou-me alma
De não sei que opressão, e me devolve
Aos doces climas da risonha Elísia.

182...

XVI

A DOMINGOS SEQUEIRA

Saindo de Portugal

Fuge litus avarum.

Viro.

Filhas da natureza, Artes divinas
Que dourais a existência,
Que o mimo sois da vida, o doce afago
Que abranda nossas penas.
Nem vás, cândidas virgens, nem vós mesmas
Dos grilhões escapastes
Com que amarrou, aos argolões do Averno,
A tirania, a terra,
O sopro crestador do Despotismo
Vos murchou graça e flores:

Da escravidão o bafo pestilente
Da face pura e ingênua
Vos destinguiu a candidez e o pejo;
A sáfara lisonja,
Coa torpe mão, no rosto macerado
Vos pós fingida máscara.
Trasmudadas assim vos viu o mundo
Erguer com servil destra
Padrões inglórios ao coroado vicio,
Monumentos à infâmia.
Tal o cinzel que lavra insigne estátua
A Catões e a Titos,
Corta o busto de Nero e de Calígula;
Tais as divinas tintas
Que as augustas feições eternizaram
De Sócrates, de Fócion,
No adulador pincel perdendo a glória,
De torpes Heliogábalos
Rosto envergonhador da humanidade
Criminosas conservam...
Bem-vindo sejas, à Sequeira ilustre.
Dessa terra maldita
Onde crucificou a Liberdade
Povo de ingratos servos.
Tu que os louros de Vasco e de Campelo
Reverdecer fazias
Por aquele maninho preguiçoso
Que foi terra de Lísia,
Filho de Rafael, bem-vindo sejas
A este asilo santo,
Com o nobre pincel, não poluído
No louvor dos tiranos,
Aqui celebrarás antigas glórias
Da que foi nossa pátria,
Ou gravarás em lâmina profética
O suplício tremendo

Que a seus cruéis algozes tem guardado
O Deus da Liberdade.

1824.

XVII

A CAVERNA DE VIRIATO

*Yet came there the morrow
That shines out, at last in the longest dark night.*

T. Moore.

I

Sobre os eternos gelos
Que os picos anuviados
Do alto Hermínio coroam,
Penteava a Aurora os fúlgidos cabelos,
E dos anéis ondados
As auras matutinas
Sopravam brandamente
Violas e boninas,
Que para lhe tocar a rósea frente
Colhera a Noite nos jardins do Oriente.

II

Da precursora estrela
Alva amortece a luz languidamente,
Qual nos olhos expira
Da rendida donzela
Quando em braços do amante amor lhos cerra
O espírito da serra,
Cujo é o cetro das hórridas montanhas,
Dessa luz indignado
Que seu trono de nuvens lhe dispersa,
O voo despregado
Coas asas fuscas bate.

III

Sobre as águas pairou do morto pego
Onde vivente fol'go não demora,
E cum sorriso negro,
Semelhante ao que ri na fatal hora
O anjo do mal à cabeceira do ímpio,
Contempla na voragem
As antenas quebradas, rotas quilhas,
Tributo de homenagem
Que o gênio lhe enviou da tempestade,
Por vias não sabidas de olho humano,
Dos sotopostos reinos do Oceano.

IV

Qual seta desferida do arco de ébano
Do arcanjo da morte.
Desce de golpe o espirito da serra,
E mergulhou nas águas. Treme a terra;
Os subjacentes mares
De abóbada em abóbada gemendo,
Do boqueirão tremendo
Mandam hórrido som que estruge os ares.

V

Mas já coa doce luz do Sol infante
As nuvens acossadas
A frente da alta serra destoucavam.
Sobre a relva, no cálice das flores,
Qual índico diamante,
Gotas acrisoladas
De puro orvalho brilham multicores;
E as plantas acordadas levantavam
Para saudar a luz a hástia pendida
Do esfriado relento.
A toda a natureza

Vem do astro criador amigo alento,
Que remoça, que alegre e expande a vida.

VI

Glória dos altos montes,
Magnífico Hermínio, a quem saúda
A português loquela
Co gentil nome da formosa estrela
Com que tua fronte a topetar se atreve;
Nunca manhã mais bela
Por teus broncos penedos,
Tuas úmidas grutas,
Teus altivos, gigantícos rochedos,
Catadupas sonoras,
Torrentes gemedoras,
Viçoso, ameno prado
Jamais raiou no Oriente apavonado.

VII

Salve, berço do nome lusitano!
Nesta manhã solene.
Que, em volver de ano e ano,
Jamais acabará que a apague o tempo
Da saudosa memória;
Nesta manhã de glória
A ti veio, a ti venho, asilo santo
Da lusitana antiga liberdade.
Tuas lôbregas cavernas
Me serão templo augusto e sacrossanto,
Aonde da Razão e da Verdade
Celebrarei a festa.
Ouça-me o vale, o outeiro,
Escute-me a floresta
Aonde do seguro azambujeiro
Seus cajados cortavam
Os pastores de Luso,

Que a defender a pátria e a liberdade
Nesses tempos bastavam
De honra e lealdade.

VIII

Hoje!... – Meu sacro rito
Aqui celebrarei nesta caverna.
Teu santuário é toda a natureza,
Potestade superna,
Deus do homem de bem, Deus de verdade,
Imensa majestade
Que do nada tiraste a redondeza

IX

Ouve-me, ó Deus, recebe
Meu puro sacrifício.
No torpe malefício
Da traição não manchei
Minhas mãos inocentes,
Nem sacrilégio ousei,
Teu altar profanando,
Queimar o incenso vil da hipocrisia
Coa destra parricida gotejando
Sangue da pátria, lágrimas fraternas,
Suor da viúva e do órfão.
Escuta, ó Deus nas regiões eternas,
Minhas ações de graças neste dia,
Dia que a resgatar-nos
Do cativeiro odioso
Estendeste o teu braço poderoso;
E a razão, liberdade,
Dons teus, do homem perdidos,
Restituíste à opressa humanidade.

X

Mas que sinto! – Desvairam-me os sentidos?

Estas cavernas tremem...
Em torno os ares fremem...
De eco em eco medonhos estampidos
Refletem pavorosos!
Do extremo fundo lá desse antro surde
(Visão estranha é esta)
Espectro, sombra...
– Manes gloriosos
Sois vós de algum herói? – A lança, o escudo
Embraça, empunha: aos pés Águias romanas
Prostradas!... oh! Viriato
És tu, sombra magnânima...

XI

Tua caverna é esta:
De tua glória e teu nome é cheio ainda
O vale, monte e floresta,
Libertador da antiga Lusitânia,
Das regiões da morte
Vieste ver raiar a doce aurora
Da nova liberdade.
Sobre teus pátrios montes?
Esconde, esconde a face, ó varão forte,
Volve ao túmulo – a raça traidora
Não acabou no vil que a preço indigno
Te vendeu aos tiranos do universo:
O sangue desse monstro
Em quantos corações bate hoje à larga!
São mil por um perverso;
Cobardes todos. – Ferros que empunharam
Os Lusos teus para salvar a pátria,
Adagas de sicários se tornaram
Em mãos de Portugueses.

XII

Pátria!... não temos pátria...

Oh! não há para nós tão doce nome.
Grilhões, escravos, cárceres e algozes
De quanto outrora fomos,
Isto só nos restou, só isto somos.

XIII

A SOMBRA DE VIRIATO

“Não! sois mais que isso. O dia da justiça
Do Eterno chegará. Sua hora tarda,
Mas infalível, soará na altura;
E os ecos da planície há de anunciá-la.
Os ímpios buscarão onde esconder-se,
E a terra negará couto a seus crimes.
Mares de sangue cobrirão a terra.
E a morte folgará sobre as ruínas.

XIV

“Mas quem, quem desprende as cataratas
Do sangue, do castigo?
O ímpio que blasfemou
E de dizer ousou
No tredo coração:
– Não há Deus; abusemos
Afoitos de seu nome
Para avexar os povos; escudemos
Co esse fantasma vão nossos embustes.–

XV

“Cegos! nadai no pélagos de males,
Lutai coa ânsia da morte: não há tábua
Para vós, não de salvação, de espr'ança.
– Uma arca só por esses mares voga,
Arca de aliança nova,
Santa, e sagrada é esta!...
Pacto de Deus cos povos. Liberdade

Só restará do universal dilúvio:
Da raça dos tiranos,
Da fratricida guerra
Que ateara a opressão entre os humanos.
Nem a memória ficará na Terra.”

1824.

XVII

L'ANTRE DE VIRIATHE

Traduction de M. Ile de Flauguergues

I

Sur les éternelles glaces qui couronnent les cimes neigeuses du haut Hermínio, l'Aurore avait déroulé ses cheveux éclatants, et dans ces ondoyants anneaux les brises matinales se jouaient, caressant de leur souffle amoureux les violettes et les amaryllis que, pour orner ce front vermeil, la Nuit avait cueillies dans les célestes jardins de l'Orient.

II

De l'étoile son avant-courrière, l'aube amortissait la lueur qui s'éteignait languissamment. Ainsi s'éteint le jour aux yeux de la jeune beauté attendrie dont l'amour ferme la mourante paupière dans les bras frémissants d'un époux. Le génie de la Serra (*Chaîne de montagnes, le mot espagnol est Sierra.*), le génie à qui fut donné le sceptre de ces monts agrestes, furieux de voir cette lumière qui déchire et disperse le trône de vapeurs où menaçant il siégeait, le génie de la Serra déploie son vol, et, de ses noires atlas, il bat les airs dans son courroux.

III

Il plane sur les eaux du mort Océan, d'où jamais souffle vivant ne s'exhale. Il contemple l'horrible abîme et rit d'un rire semblable à celui qui à l'heure fatale, agite les lèvres de l'ange du mal au chevet de l'impie. Le génie du mont contemple l'abîme avec joie; il voit flotter brisés et confondus les nefs, les quilles, les mâts, les vergues. C'est un tribut que le génie des tempêtes lui offre et lui envoie des empires sous-marins par des routes aux humains inconnues.

IV

Rapide comme la trait lancé par l'arc d'ébène de l'archange de la mort, le génie des montagnes descend et se précipite dans les flots. La terre frémit, les mers inférieures gémissent, et du fond du gouffre ébranlé envoient de voûte en voûte (*Abóbada*) des sons horribles qui troublent les airs.

V

Mais déjà à la douce lumière du soleil naissant, les nuées se dispersent et découvrent le front de l'altière Serra. Sur la verdure, dans le calice des fleurs, les gouttes, limpides de la pure rosée brillent et multiplient leurs lumineux reflets comme le diamant indien. Les plantes éveillées redressent, pour saluer le jour, leurs tiges penchées sous les vapeurs humides de la nuit.

VI

Gloire des monts altiers! superbe Hermínio! toi que le langage portugais salue du nom de la brillante étoile que ton front ose toucher, superbe Hermínio, jamais tes cimes brisées, tes humides cavernes, tes sourcilleux et gigantesques rochers, tes cascades sonores, les mugissants torrents, tes charmantes prairies, ne virent une matinée plus belle colorer le radieux orient.

VII

Salut, berceau du nom lusitain, salut! J'aime à te saluer en ce jour solennel dont jamais la suite de années n'effacera la mémoire regrettée.

Dans ce jour mémorable, je viens, je viens vers toi, asile saint de l'antique liberté portugaise! Tes cavernes profondes seront le temple auguste et sacré où je célébrerai la fête de la raison et de la vérité. Que les monts et les vallées m'entendent! Qu'ils écoutent ma voix, les bois où jadis les pasteurs de la Lusitanie coupaient leurs rustiques houlettes, en ces temps où, pour défendre la liberté et la patrie, il suffisait de l'honneur et du courage!

VIII

Aujourd'hui!... Eh! bien! je célébrerai mes rites sacrés en cette caverne. Ton sanctuaire n'est-il pas toute la nature, à puissance suprême! ô Dieu des hommes vertueux!

Dieu de vérité, majesté éternelle qui tiras du néant l'universalité des choses!

IX

Entends-moi, Dieu très-haut, et reçois mon pur sacrifice! La vile et infâme trahison ne souilla jamais mes mains innocentes. On ne m'a point vu, sacrilège et impie, profaner les autels en y brûlant l'odieux encens de l'hypocrisie. Ce n'est point moi qu'en a vu lever vers toi des mains dégouttantes de sang de la patrie, des larmes de la veuve et de l'orphelin, de la sueur d'agonie de mes frères... Oh! ce n'est pas moi!

Ecoute-moi donc, ô Dieu des régions éternelles! écoute et reçois mes actions de grâces! Qu'elles montent vers toi en ce jour où, pour nous délivrer d'une servitude odieuse, tu étendis ton bras puissant! on ce jour où tu daignas rendre à l'humanité si longtemps opprimée la liberté et la raison, nos dons sacrés que tu fis à l'homme et que l'homme avait perdus!

X

Mais qu'entends-je!... Mes sens se troublent... Ces autres sombres mugissent... L'air autour de moi, l'air frémit. D'écho en écho se répètent des sons mystérieux. Du fond de la caverne obscure, quelle vision se lève? quelle ombre?... Mânes glorieux, êtes-vous ceux d'un de nos héros? Mais la lance est dans sa main terrible, son bras soutient un bouclier, ses pieds triomphants foulent les aigles redoutables de Rome... C'est toi, à Viriathe! A guerrier magnanime! c'est toi!...

XI

Cette caverne est la tienne, ton sauvage palais. Le mont, la plaine, les vallons, sont encore remplis de ton nom et de ta gloire. Libérateur de l'antique Elísia, des régions de la mort tu reviens pour voir briller sur tes monts paternels la douce aurore de la liberté nouvelle... Détourne, détourne ton front auguste, ô noble guerrier! Recouche-toi dans ton sépulcre! Elle n'est point anéantie la race perfide de ceux qui, pour un honteux salaire, te livrèrent, te vendirent aux tyrans de l'univers. Le sang de ces monstres, ce sang infâme, hélas! dans combien des lâches coeurs ne circule-t-il pas aujourd'hui? Pour un pervers, on en compte mille. Lâches, ils le sont tous. Ô Portugais! les glaives que vous saisîtes pour sauver la patrie, se sont changés dans vos mains ou poignards tels qu'en aiguissent de lâches sicaires de la tyrannie.

XII

La patrie!... ah! nous n'avons plus de patrie; pour nous n'existe plus un nom si doux. Des fers, des esclaves, des cachots, des geôliers, de tout ce que nous fûmes jadis, voilà ce que nous sommes.

XIII

L'OMBRE DE VIRIATHE

“Non! vous êtes, vous serez quelque chose de moins indigne, Portugais! il arrive le jour de la justice de l'Eternel. L'heure tardive mais infaillible va sonner sur les hauts lieux. Les échos de la plaine proclameront l'heure terrible. Alors les impies voudront cacher leur visage et leurs oeuvres, mais la terre refusera de les soustraire aux regards et de couvrir leurs crimes. Une mer de sang couvrira au loin le sol tremblant. La mort planera sur des montagnes de ruines.

XIV

“Qui attira ces torrents de vengeances, dites, qui fait mugir ces cataractes de sang?”

La tyran impie qui blasphéma, le monstre qui osa dire dans son coeur pervers: – Il n'y a point de Dieu; c'est un vain nom dont nous nous servons pour asservir les nations. C'est un fantôme que nous offrons aux peuples abusés pour leur dérober les pièges que nous dressons sous leur pas.

XV

“Aveugles vous-mêmes! niez Dieu maintenant! surnagez, si vous pouvez, sur cet océan de maux que vos crimes ont enflé! Lutte contre la mort!... vous luttez en vain.

Pour vous, désormais, point de planche de salut, point de secours, point d'espérance!

“Une nef solitaire vague sur les grandes eaux; c'est une arche sainte et sacrée, l'arche d'une alliance nouvelle.

“C'est le gage du pacte immortel de Dieu avec les peuples. Liberté, céleste Liberté, seule tu survivras à ce naufrage universel. Et de la guerre fratricide que le despotisme alluma, et de la race des tyrans, aucun souvenir bientôt ne restera plus sur la terre.”

XVIII

O ANO VELHO

*Amara lemni
Temperat risu.
Horat.*

Vai-te, ano velho, vai-te, e nunca volvas
Dos séculos no giro;
Sumido sejas tu nas profundezas
Da imensidão do nada,
Ano parvo e poltrão, chocho e sem préstimo,
Inútil como um cônego.
Quem fez caso de ti? Nem praguejado,
Nem bendito morreste,
Sem deixares legado ou testamento
À deserdada história.
Foram teus dias, dias de rotina,
Como as lições sabidas
Da ensebada, suja caderneta
De um lente de Coimbra;
Tuas horas, as horas marianas
De velha abadessa
Que há quarenta anos tem no mesmo sítio
O babado registo
Do santo favorito. – Vai-te, some-te,
Carunchoso ano velho;
Trague-te o olvido inteiro; mais memória
De ti não fica à terra
Do que deixa um abade de Bernardos,

Da Academia um sócio.

1824.

XIX

A TEMPESTADE

Coeco carpitur igni.

Virg.

I

Sobre um rochedo
Que o mar batia,
Triste gemia
Um desgraçado,
Terno amador.
Já nem lhe caem
Dos olhos lágrimas,
Suspiros fêrvidos
Apenas contam
Seu triste amor.

II

Ondas, clamava o mísero,
Ondas que assim bramais,
Ouvi meus tristes ais!
Horrível tempestade,
Medonho furacão,
Não é mais agitado
Do que o meu coração,
O vosso despregado,
Horríssono bramar!
Ânsia que atropela
Meu lânguido peito,
É mais violenta
Que o tempo desfeito,

Que a onda encapela,
Que agita a tormenta
No seio do mar.

III

Mas, ah! se o negrume
O sol dissipara
Calmaria,
Seu nume
O horror do tufão.
Assim à minha alma
A calma
Daria
De Armia
Um sorriso:
Um raio de esp'rança
Do paraíso
Traria
A bonança
Ao meu coração.

1828.

XX

TRONCO DESPIDO

Qual tronco despido
De folha e de flores,
Dos ventos batido
No inverno gelado
De ardentes queimores
No estio abrasado,
De nada sentido,

Sine nomine corpus.

Virg.

Que nada ele sente...
Assim ao prazer,
À dor indif'rente,
Vão-me horas da vida
Comprida
Correndo,
Vivendo,
Se é vida
Tão triste viver.

1828.

XXI
SOLIDÃO

Alonguei-me fugindo e vivi na solidade.
Arbais – do Salm.

I
Solidão, eu te saúde! silêncio dos bosques, salva!
A ti venho, é natureza: abra-me o teu saio.
Venho depor nele o peso aborrecido da existência: venha despir as fadigas da vida,
Quero pensar só comigo: quero falar a sós com o meu coração.
Os homens não me deixam: amparai-me vós, solidões amenas, abrigai-me, à solidões deleitosas,
Franqueia-me, ó soledade, o tesouro das tuas solvas: abra-me o santuário das tuas grutas.
Eu perguntarei aos troncos pelas idades que viram correr: e os troncos me responderão, meneando as suas ramas: – Elas passaram. –
Eu contarei aos prados os meus amares; o as boninas abrirão o cálice para me dizer:
– Também nós amamos.–
Interrogarei os penhascos pelos anos das vozes dos homens: e os penhascos mudos não ousarão repetir-ma os sons falazes dessa voz.

Eu direi às rúas: – Que é das mãos que vos construíram, que é das raças que vos habitaram? –

E as ruínas se calarão; mas a pedra de um sepulcro falará por elas.

A pedra do sepulcro dirá:—A morta passou, a as suas pegadas ficaram impressas no caminho dos séculos. –

Solidão, eu te saúde! silêncio dos bosques, salve!

II

Que dona não é fugir dos homens para viver com as plantas!

Que prazer não é deixar essas habitações alinhadas pelo prumo de sua pequenez; e vir no desalinho dos campos folgar em liberdade com a natureza!

Nascentes que rompeis do seio das rochas! vós não sois comprimidas nos estreitos canais que fabricou a arte:

Livros surgis da terra, livras jorrais das ponhas: e livres corrais dos montes a cobrear nos prados por entra o matiz das flores.

Arvoras frondosas, vegetai sem medo: a foice do jardineiro não vos despojará da rama para o monótono prazer do luxo contrafeito.

E vós, rochedos majestosos, repousai tranquilos nas elevações da terra: que não virá o cinzel do estatuário roubar-vos as formas da natureza:

Para transmitir ao neto degenerado, as feições do avó ambicioso,

Solidão, eu te saúde! silêncio dos bosques, salva.

III

Solidão, eu venho a ti: já me não quero senão no teu seio.

Trago o coração oprimido; na mão da ferro me aparta,

O espinho da dor está cravado no maio dele; a angústia o torce Sem piedade,

O afogo lhe travou das artérias: todo o peso da desgraça está em cima dele,

O meu sangue já não tem vida: e circula da mau grado pelas veias froixas,

Arda-me não sei que fogo no intimo do peito: queria chorar e não tenho lágrimas.

Travam-me na boca os azedumes do passado; a aridez do futuro secou os meus olhos,

O que foi e o que há de ser anda-ma esvoaçando pela fantasia: são pensamentos de asas negras como o corvo agoureiro.

O momento que é desaparece no meio delas: porque não é nada.

O homem não tem senão o passado e o futuro o passado para chorar, o futuro para temer.

O presente não é nada; a é só o que ele sabe.

Já se esqueceu do passado, e o futuro não lhe disse Deus, Eu vivo no futuro por uma esperança mais tênue que o fio da aranha; existo no passado porque ainda se me não foi o amargor dos tragos que bebi.

O presente está no meio, como o ponto no centro do círculo: mas a sua existência é quimera.

Os raios que partam para a circunferência são reais: tal é a minha vida.

Daquela ponto imaginário tiro linhas verdadeiras para o que fui e para o que hei de ser: todas vão parar na desgraça.

Eu tive coração, amei; ainda o tenho, e amo, Mas o mau amor fadou-o a desventura: bafejou-o o sopro do mal.

Fui planta que só lágrimas a regaram; o sol da felicidade não se riu para ela.

Deu flores outoniças que não desabrocharam; o granizo as crestou, e a geada lhes queimou os germes.

Não houve esperança de fruto; só o prazer, mas tão louco! –da as colher som ela.

Por isso está triste a minha alma: triste até à morta.

E os homens cuidam que eu sou falis; e eu rego de noite o meu leito com as lágrimas dos olhos,

Porque a noite faz-se para chorar quem tem que chorar: da dia o avisado manto e ri.

Por isso eu não quero viver mais com os homens: porque quero chorar de noite a de dia.

A cidade é para mim o deserto: a solidão é a minha pátria. Solidão, eu te saúdo! silêncio dos bosques, salve!

182..

LIVRO SEGUNDO

I

A VITÓRIA DA PRAIA

Bh dakreon para dina polufoisboio dalasme

Polla d' epeit' apnute kiou praq...

Do mar ruidoso às praias mudo estava

E em laia imprecações desabafava.

Ilíada.

I

Pelas vagas azuis do largo oceano,
Coas pandas asas ao galerno vento,
Vai nobre armada: – desdobrando ufano,
o verde pavilhão nas altas popas
Treme ao sopro da brisa; e a cento e cento,
O eco repetido,
Reflete pelas águas o estampido
De cem canhões que troam.
– E morra pouco a pouco o som nas vagas;
E a praia é só. A praia – onda inda ecoam
A celeuma dos nautas e o zumbido
De multidão confusa – só, calada,
Erma ficou: e nas alpestres fragas
Apenas se ouve a bulha compassada
Da ressaca, gemendo e murmurando,
Com que a maré das praias se despede,
Foge e volta, queixosa recuando:
Qual amante em custosa despedida,
Que adeus já disse e adeus – a retrocede.
Nem partir sabe, que é partir coa vida,

II

E a praia é só, – Não só: nassa panado
Que em torno tapeçou alga ramosa.
Um vulto vejo ainda: mudo, quedo,
Cos olhos longos na planície aquosa:
Disseras que o feriu co mago dedo
De Harpócrates a sombra misteriosa,
Que numa estátua sua o transformara,
E só vida nos olhos lhe deixara.
Como que lhe caiu desfalecida
A esquerda sobre uma harpa desmontada.
E, com a destra longa e estendida
Para o extremo horizonte, aponta à armada
Que a velas cheias singra, e desferida
De amigo vento, corra empavesada:
Debuxa o rosto magoado peito,
De estranho menestrel é o traço e aspeito.

III

Mas lá se mova, e em pé sobra a alta roca,
Como inspirado súbito
De espírito fatídico,
Com a trêmula mão nas cordas toca
Da harpa, que em sons responde inda mais trêmulos.
Que, alto e alto crescendo, agudos vibram.
E entre pena e saudade e glória e mágoas,
Assim coavam nas frementes águas:

I

“Alva pomba da esperança,
Voga na arca misteriosa:
Que no dia da bonança,
Quando a enchente procelosa
A voz do Eterno parar,
Penhor da Nova Aliança,
Tu a nós hás de voltar.

Sobro a lodosa voragem
Que inda cobre meio mundo,
Deixa o corvo negro, imundo
Sua seda de carnagem
Em cadáveres fartar,
Para a pombinha mimosa
Há de chegar o seu dia;
E quando a flor da alegria
Na oliveira despontar,
Co raminho de esperança
Penhor da Nova Aliança,
Tu a nós hás de voltar.

II

Mas que altivo baixel vai singrando
Pelo estoiro da armada leal,
Nem as Quinas do Luso arvorando,
Nem a Cruz do pais de Cabral?
Que anuncia esse infausto pendão,
Estandarte da morte aziago?
Foge, foge. à Maria, à traição:
São as coros da nova Cartago.
Não o vês de cruor salpicado
Tremular co essas nódoas fatais?
É o sangue à traição derramado,
É o sangue dos teus mais leais.
– Não se lavam do Nilo na glória
Essas manchas de opróbrio e de horror:
E emudece o clarim da vitória
Da Terceira ao gemido clamor.

III

“Cartago desleal, embalde atroam
Teus Hanãos, teus Amílcares traidores
O incrédulo foro que povoam
Turba de vis, venais declamadores,

E à tua plebe estúpida os pregoam
Da república os fortes defensores:
Essa nódoa jamais hás de lavá-la.
E o universo em seu dia há de vingá-la.
“Seu dia há de chegar: já desvendados
Se espantam do tão longo sofrimento
Os povos oprimidos e ultrajados:
Já seguem com o ansioso pensamento
Ao Cipião do Oriente, alvoraçados
O invocam contra Aníbal fraudulento;
E folga o mundo ao contemplar pressago
Nas ruínas da Bizâncio as de Cartago.”

IV

Assim cantava o peregrino vate
Nos rochedos do exílio: e as armas praias
Da inóspita Cartago ressoavam
Cos despeitosos sons que n'harpa troa
Fremente indignação. Medonha entanto
Em derredor a cerração crescia,
E as grossas gotas raras que despedem
As tumescentes nuvens, os lampejos
Que a mais e mais, de perto e perto amiúdam.
Anunciavam tremenda tempestade
Que a instantes vai a desabar no pego.

V

Eis súbito, onde as nuvens mais opacas,
Mais pojadas do fluido se mostram
Que só a Franklin subjugar foi dado,
Rompe a em golpes de luz no céu fulgura
Raio, que segue horrísono estampido
De trovão, de oco em eco reboando
Por céus e mares, longo e longo... Os seios
Das nuvens se rasgaram: e entre o vivido,
Flutuante clarão da mil relâmpagos,

Do atônito vate avulta os olhos
Assombrosa visão. Num corcel branco
Da cor da Láctea Via lhe aparece
Um cavaleiro ancião: lúcidas armas
De espelhado brilhante ferro o vestem:
Descem-lhe as alvas, venerandas barbas
Té ao peito, onde a cruz de ouro, pendente
Do equestre colar, sobra o aço fulge;
Na esquerda o Real pendão de Ourique ostenta.
E ponderosas chaves traz na destra,
Que aperta, e cuidadoso olha e segura.
Tal às margens do Tajo iria outrora
A Toledo em briososa romaria
Da lusitana lealdade o símbolo;
Tal de Martim de Freitas nos figura
Q vivo imaginar, aspecto a forma.

VI

“Suspenda as notas do despeito iroso,
Brada o celeste cavaleiro ao vate:
“Cessa o fúnebre canto doloroso,
E n'harpa lusitana os sons antigos
Acorda da vitória.:
Hinos entoa de triunfo o glória.
Inda há sangue do meu por essas veias
Da gente portuguesa: extinto ainda
Não foi o santo amor da liberdade
Que os lusitanos peitos incendia,
Nem o timbre da honra e lealdade
Que entre os povos da terra os distinguia.
“No meio desse pego (e coa bandeira
Apontou para o último ocidente)
Numa isolada rocha, que a fogueira
Das subterrâneas furnas sempre ardente
Da contínuo rescalda, a derradeira
Leal falange intrépida e valente

Com sangue imigo e seu tinge o oceano,
E a nódoa lava ao nome lusitano.

VII

“Olha, e verão teus olhos o alto feito
A alta glória dos teus.” – Disse, e brandindo
Na destra a lança, para oeste acena:
No côncavo do escudo as férreas chaves
Deram tremendo som. O eco dos mares
O repetiu, e a negra tempestade
Emudeceu ante ala: as nuvens fogem,
Os brados do trovão sumidos morram,
E ao derradeiro lampejar dos raios,
Como eles, desaparece o cavaleiro,
Um sulco de alva luz té o horizonte
Descrevendo nos ecos: – e qual nas cenas
Súbito corre a tela, e ostenta aos olhos,
Por feiticeira maravilha de arte,
As terras longes e apartados povos
Que além-mares, que além-desertos jazem:
Tal aos olhos do vate deslumbrados
O magnífico aspecto se descobre
De uma ilha vicejante e pampinosa,
Que ante ele, qual Delos, se oferece,
Ou qual ao domador das iras cruas
Do faro Adamastor a dos Amores.

VIII

Alcantis bravos derredor a cercam;
E nos arguidos cumes pitorescos
Da seus montes vegeta em morna cinza,
De mal extintas crateras em torno,
Todo o luxo da Flora e de Pomona.
Que ao lourejar de Ceras dá realce
E cos tirsos de Saco se mistura.
O tempestuoso Atlântico lhe quebra

Nas ouriçadas pontas dos rochedos
Que em orla a cingem: a onda em amplo seio
Mais à larga lhe é dado entrar na praia,
Sobre a pálida areia em rolos bate
E em alva franja se desfaz de espuma.

IX

A espaços, e uns sobre outros torreando,
Baluartes avultam, e alto ondeia
A matutina brisa, na hástia erguido,
Das nobres Quinas o estandarte antigo.
Rara nebrina cobre em parta o resto:
E à sombra dela, empavesada frota
Vai na enseada penetrando a furto...
– Quinas também arvora: mas infame
Quebra de bastardia a meio parta
Q glorioso escudo: e o sangue fresco
Na alvura da bandeira lhe ressumbra...
– Que sudário de mortos a disseras
Numa armada de sombras defraldado
A aziago vento nos pegões do Estige.

X

Deu sinal a atalaia n'alta torra,
E as negras bocas dos canhões romperam
O crebro fuzilar: os aras cortam,
Cruzam-se as pélas que de morte silvam;
E os ecos das pacificas montanhas
Pasmam dos sons de guerra que repetem.
Nas naus desaba o rápido granizo
Do saltante peloiro; e o crebro estalo
Da palpitante trépida granada
Ferve de torra e mar.

XI

Mas já, baixando das erguidas popas

Das alterosas naus, laves esquifes.
Armadas lanchas na água vão poisando.
E a enseada povoam: lentas descem
As falanges dos bravos, que mal sofrem
Ir ao feito traidor coas mesmas armas
Que leais nos campos de Coruche e Prado
Tanta glória ganharam... Instam cabos,
Blasfemos centuriões, a infames brados
De ameaças, os pungem... Cede à força
O soldado fiel, rijas n alma leva
A tenção fixa de lavar a injúria
No sangue vil do chefe que o desonra.
Movem-se os remos: e, entre o fogo e a morte
Audazes penetrando. à praia abicam:
E braço a braço, peito a peito, encontram
O cidadão co escravo; – trava a luta
Da perjura traição coa lealdade.
E investe a escravidão oca liberdade.

XII

E quem são esses nobres defensores,
Que, em poder tão pequeno, fixos, quedos
Aguardam seus terríveis agressores
E imóveis sobre as pontas doo rochedos
Parecem desafiar seus vãos furores?
Ri-lhe a vitória já nos olhos ledos,
Não bate o coração, tranquila é a alma:
E a sorte esperam que lhes traga a palma.
A desmedida força do inimigo
Não parecem contar: ou se a contaram,
Supõe-se cada qual neste perigo
Que o ânimo ou os braços lhe dobraram:
A injúrias tais e tantas dar castigo
Os piedosos destinos lhe outorgaram
E só contam, só vêm coa longa esp'rança
As delicias da próxima vingança.

XIII

Quais injúrias, que afrontas? – Inda ecoa
Do disperso senado nas abóbadas
Caluniosa voz que altiva soa
E de insultos cobriu a escolha impávida
Da lusa mocidade.
Que armas em vão pediu, e às armas corre
Que lhe vedam traidores,
Combate, vence, onde não vence, morre,
E ensina a seus cobardes detratores
Que é mais fiei o cidadão que o escravo,
E que no peito do liberto bravo A antiga lealdade
Remoça e cresce mais coa liberdade.

XIV

Tu o dizes, ó magnânimo guerreiro
Glória da pátria, em cuja nobre espada
Da aflita Lísia o amparo derradeiro.
A derradeira esp'rança está firmada:
Dize-o tu, Vila Flor, quando primeiro
Assomaste na altura alcantilada,
Que assombros de valor, de patriotismo,
Que milagres não viste de heroísmo!

XV

Qual, através de insólito perigo,
Vai de socorro a Diu o Castro forte,
Tal, entre a densa esquadra do inimigo,
O ardido Vila Flor, sem medo à morte,
Vila Flor, dos rebeldes o castigo,
E a quem domada não resiste a sorte,
Nas praias de Angra impávido surgira,
E com ele a vitória que o seguira.
E que pensáveis, desleais traidores?
Encontrar só valor? – Têm chefe agora

Da pátria liberdade os defensores:
Na tenda imbele por Briseis não chora
O Aquiles português, e seus furores
Muito sangue leal muito implora:
Não há convosco Heitor que vos defenda,
E Páris foge da marcial contenda.

XVI

Ei-los! ei-los que estólidos correndo,
Cegos se apressam a encontrar seu fado
– Matai, não deis quartel! com gesto horrendo
O chefe canibal brada ao soldado.
“Perdoai, perdoai: crime tremendo
É o deles: (do herói tal era o brado),
Mas não sigais o exemplo do tirano,
Poupei, poupei o sangue lusitano.”
Trava a peleja: quais leões feridos
Os renegados chefes acometem,
E blasfemando em hórridos bramidos,
Instam cos seus, despojos lhes prometem:
De afrontosos suplícios, que aos vencidos
O vencedor prepara, lhes repetem
Fábulas mil com que o soldado excitam.
E a combater, mau grado seu, o incitam.

XVII

Mas não descansa a espada que tempera
Fogo que ardeu no altar da liberdade;
Nos gumes lhe poisou a morte fera,
E nas mãos da briosa mocidade
É raio que fulmina e reverbera,
Raio da honra, valor do heroicidade,
Que nos rebeldes campeões desfecha
E em negras cinzas sobre a praia os deixa,

XVIII

Um por um caem na contenda inglória,
Desonrados cadáveres,
Troféu ignóbil que desdenha a glória,
Que à corda do patíbulo
Roubou com pejo a espada da vitória.
Soprai do oceano tímido,
Soprai, ó ventos, derramai nos ares
Cinzas que a mão do algoz devia aos mares.
E vós, ilusas vítimas
Da tirania pérfida
Vinde, acolhei-vos ao amparo amigo
Da bandeira leal:
Soldados, já não há mais inimigo:
Bradai: – “Real, Real
Por Maria, bradai, de Portugal!
“Viva Maria e viva a liberdade!”
Com lágrimas responde e a brados clama
O soldado corrido e envergonhado.
Nas fileiras da antiga lealdade
A voz se uniram do herói que os chama.
E bendizendo a mão que os há salvado,
Lavar prometem a manchada fama
No sangue desse monstro de maldade
Que a pátria co roubado cetro oprime
E involuntários os forçou ao crime.

XIX

Vencidos, vencedores, abraçados,
Todos triunfam na ganhada glória:
Da mesma causa todos são soldados,
E unidos cantam a comum vitória:
Os séculos por vir lerão pasmados
Prodígio tal na lusitana história.
O eco dos mares que repete o canto
Nas vagas se ouve murmurar de espanto.

XX

Sonoros rufam trêmulos tambores:
Os bravos batalhões, de Ourique entoam,
Em coro marcial, leais clamores:
E as alternadas copias, que ressoam
Como em resposta, se unem aos clangores
Das trompas, – dos clarins que agudo soam:
Brande-se a espada inda sanguentada e nua,
E a bandeira real no ar flutua.

CORO DOS SOLDADOS

Real Real! Real!
Real por Maria de Portugal!

UMA VOZ

Repita a Terceira as vozes de Ourique,
Que ao trono elevaram o filho de Henrique,
E a filha de Pedro ao trono alçarão.

CORO

Maria protege a Constituição.

ALGUMAS VOZES

E viva Maria, viva a liberdade!
Miguel é tirano
Feroz, desumano,
Que reinar não há de.

CORO

Real! Real! Real!
Real por Maria de Portugal

UMA VOZ

Vitória cantemos, vitória, vitória!
Maria triunfa: – seu nome é de glória,

Seu nome, que adora a lusa nação...

CORO

Defenda, protege a Constituição.

ALGUMAS VOZES

E viva Maria, viva a liberdade!

Miguel é tirano

Feroz, desumano,

Que reinar não há de.

CORO

Real! Real! Real!

Real por Maria de Portugal!

UMA VOZ

Sua mão delicada bordou a bandeira

Que altiva tremula na heróica Terceira:

Cantemos, alcemos o invicto pendão.

CORO

Maria protege a Constituição.

ALGUMAS VOZES

E viva Maria, viva a liberdade!

Miguel é tirano

Feroz, desumano.

Que reinar não há de.

CORO

Real! Real! Real!

Real por Maria de Portugal!

Lond. 1829.

II

O JURAMENTO

Canto patriótico

Posuisti nos opprobrium vicinis nostris...

Exurge, quaere obdormis Domine?

Salm. XLIII.

I

Deus, que ouviste o juramento
Do teu Povo lusitano,
Oh Rei dos reis soberano,
Ouve-o, que a ti vem bradar!
Nós juramos: santa jura
Que ninguém fará quebrar.

II

Nossas armas humilhadas
Que abandonou a vitória,
Estes pendões já sem glória
Depomos no teu altar.
Mas juramento que demos
Ninguém nos fará quebrar.

III

Já tua mão onipotente
Sobre nós luz coa esperança,
Já vem o Íris da bonança
No horizonte a ralar.
Juramento que lhe demos
Ninguém nos fará quebrar.

IV

Do nosso Libertador,
De dois mundos maravilha,
Eis do grande Pedro a filha

Que sobre nós vem reinar.
Juramento que lhe demos
Ninguém nos fará quebrar.

V

Nas tenras, ungidas mãos
A paterna majestade
Pôs a nossa liberdade
Co próprio cetro a guardar.
Juramento que lhe demos
Ninguém nos fará quebrar.

VI

Nós, invocando o seu nome,
E o Teu nome, ó Deus de Ourique,
Do filho do grande Henrique
O pendão vamos hastear:
Juramos – e o juramento
Ninguém nos fará quebrar.

VII

São também teus inimigos
Os crus inimigos seus,
Que renegaram de Deus
Antes de a pátria negar.
Nós, a jura que fazemos,
Ninguém nos fará quebrar.

VIII

Vamos, a esses traidores
Que a Tua Lei desprezaram,
Que a lei do Povo calcaram,
Vamos, Senhor, castigar.
Este santo juramento
Não no-lo deixes quebrar.

IX

Confunda-os, Senhor, tua ira,
Desarme-os teu braço eterno
Manda a confusão do Inferno
Suas hostes baralhar:
Que nós juramos – e a jura
Ninguém nos fará quebrar.

X

Juramos livrar a pátria,
A pátria libertaremos
E, no trono que lhe erguemos.
A Rainha há de reinar.
Juramos, sim; e esta jura
Ninguém nos fará quebrar.

III

NO ÁLBUM DE UM AMIGO

Nos vales do desterro são colhidas
Estas singelas, desmaiadas flores
Que por mãos da Saudade vão tecidas
Cos acerbos espinhos de suas dores:
Mas doce esp'rança as leva oferecidas
Ao casto altar dos conjugais amores:
E ai, morta a Saudade na ventura,
Os espinhos cairão – Amor o jura.

Lond. 1831.

IV

NÃO CREIO NESSE RIGOR

Não creio nesse rigor
Que nos olhos se desmonte:
É traidor

O deus de amor
Mas em teus olhos não mente.
Deixa pois tanto rigor,
E na verdade consente:
Que é traidor
O deus de amor
E nos olhos te desmente.

Lond. 1831.

V

RAMO DE CIPRESTE

À Ex^ª Sr^ª D. Ana Leite de Teive

A esta frente desbotada
De angústias e dissabores
Não cabe o louro da glória
Hera as rosas dos amores:
A triste fado votada,
Sem renome, sem memória,
Nem terá piedosas flores
Sobre a campa abandonada.
Sei que do negro cipreste
Só me toca a palma obscura...
Mas nem essa rama escura
Que por tuas mãos colheste,
Nem essa quis a ventura
Que me viesse coroar...
Tão cruel é minha estrela
Tão funesto é meu pesar.
À mão inocente e bela
Que o triste ramo colheu,
Por mui alto para meu,
Volta pois o dom fatal:
Mas fica, esse sim, o agoiro
Que profetiza o meu mal.

– Oh! quando faminta espada
Ou sibilante peloiro
Houver enfim terminada
A amarga, penosa vida...
Ao menos – se, assim pedida,
Mercê tal é de outorgar –
Desses teus olhos divinos
Uma lágrima sentida
Venha piedosa os destinos
Do proscrito vate honrar.

S. Mig. 1832.

VI

FLOR SINGELA

No álbum

De S. A. A. S. S. I. D. A. J. M.

Linda flor que nos jardins
Força de arte cultivou,
Tem dobrada a folha, o cheiro,
Mas de fruto se privou.
Passa abelha diligente,
E admirou tanto primor:
Mas para os favos o néctar,
Vai buscá-lo a outra flor.
Singelinha de três folhas
Coa mosqueta deparou,
E em seu cálix meio aberto
Oh que tesouro encontrou!
Como a abelha diligente
Que busca a singela flor,
Um singelo coração
Também só procura amor,

Paris, 1833.

VII

RAMO SECO

No álbum de uma Senhora Brasileira

I

No pais doce de Cabra! nascida.
Afeita àquela eterna primavera
Que perpetua a vida
Na folhagem vivaz que não se altera,
Nem conhece as fadigas e a pobreza
De nossa lenta e velha natureza,
Porque, filha mimosa
Da Atlântida formosa,
Porque tão tarde vens, nos tristes dias
De nosso feio Inverno,
Visitar estas praias tão sombrias,
Estas devesas hórridas e frias,
Só povoadas pelo gelo eterno?

II

Bem te quero brindar, que és boa e bela
Mas confuso e Corrido
Venho coas mãos vazias,
Que por esse valado desabrido
Nem bonina singela,
Que ofertar-te, desponta...
A queimada vergonta
Da combatida esteva
Açoita o furacão: o alvor que neva
Pende entre os ramos secos do arvoredo.
E escarnece com pérfido arremedo
Os seus mortos amores
Que tarde – ai, tarde! – volverão coas flores.

III

E que culpa tenho eu que, esperdiçada

Em dons contigo e com teu doce clima,
Tão pouco me deixasse a natureza,
Tão pouco e mingüado?
– Vês: o pobre poeta estropiado,
Velho no coração, velho na rima,
Não tem, na sua pobreza,
Com que te pôr aqui outra memória
De sua boa amizade,
Mais do que um seco ramo de saudade,
Sem flor, sem folhas... todo o viço e glória
Se lhe foi com o inverno desta idade,
Velhice de alma... oh! tão desconsolada,
Tão pior que a do corpo! – descontento
Perene, tão pesado e sem conforto,
E em que, por mor tormento,
Sente a alma ainda – e o coração é morto,

Bruxelas, 1836.

VIII

NUNCA MAIS

*E o meu contentamento
Que eu cuidava que era meu,
Deu-me depois tal tormento
Qual coisa nunca me deu.
Crisfal.*

I

Não, não creio nos teus olhos:
– Se eu já sei o que eles mentem!
Se conheço à minha custa
Que o que dizem não sentem!
Oh! quem me dera ignorá-lo
Pai-a ser feliz ainda...
Era feliz com mentira:

Mas se a mentira é tão linda!

.....

.....

II

Uma vez – há quanto tempo!

Seis lentos giros no céu

A Lua inteiros volveu,

E aquele instante divino

Na memória de confino,

Inda me não esqueceu!

– Uma vez, teu braço trêmulo

No meu braço repousava.

De tua boca celeste,

Anjo do céu que então eras!

Aquela voz desprendeste

Que sumida e vacilante

Aceitou meu voto amante...

.....

– Mal o lábio a proferiu,

Mal o ouvido a sentiu:

Mas ouviu-a o coração...

– Não, que a ventura não mata,

Por isso ali não morri:

Mas foi pior do que a morte,

Mais fatal... – endoideci.

III

Lembra-te? Foi longa a noite...

Loriga aos outros pareceu:

A mim voou-me entre glórias,

Como os instantes do Céu.

Lembra-te? – O resto da noite,

Desses olhos eloquentes

Que expressões tão veementes

Sáiram de amor, de fé!

.....
Vivi um século inteiro
Nessa noite de ventura,
Vivi na ilusão, no engano;
Mas erro tão lisonjeiro
Oh, porque ainda não dura!
.....

IV

Da cor da aurora que nasce.
Entre roxo e cor-de-rosa,
Vestida essa forma airosa
Inda a vejo que balança
Nos vagos giros da dança
Que ante mim se confundia!
E eu desvairado, eu sem tino,
Eu que a ti—a ti só via...
Hoje ainda, ainda agora
Vejo em teu rosto divino
Aquele brilhar de aurora
Que tanto me prometia...
Oh! mas a aurora mentiu
Que veio importuno dia
E de nuvens se cobriu.
.....

V

Sei que as aparências culpadas
Estiveram contra mim...
Mas julgar, punir assim
E sem ouvir.....
.....
Oh! como eu então vivi
Como de ânsia e de amargura
Nesses dias não morri!
Foram séculos pesados,

Longos, lentos, – e contados
Hora a hora de tortura.

VI

Via-te, e nem ver-te ousava:
Num tremor, num paroxismo,
De tua vista recuava
Como se fosse do abismo.
Fugia de ti: – mesquinho!
Com te não ver me matava...
Triste de mim! e era morte
Mais cruel se te encontrava,
Teus olhos, aqueles olhos
Onde bebi tanto amor,
Teus olhos, fugia deles,
Cobrei-lhes medo e terror.
E se os traidores, um dia,
Por cruel divertimento,
Renovando o engano antigo,
Me dessem novo tormento?...
Coa só ideia do p'rigo
Todo eu estremecia,
E do horrível pensamento
Como um cobarde tremia.
Jurei, protestei mil juras...
– Para insensato as quebrar!
Bastou-lhe querê-lo um dia,
E eu próprio – fui-me entregar.
.....

VII

Espessa treva fazia
Naquela solene estância,
E em pausada consonância
A voz da oração se ouvia.
Interno pressentimento

No coração me batia...
Mas era o fatal momento,
– Fatal, funesto, fadado...
E ninguém foge ao seu fado,
Não fugi, fiquei, – perdi-me.
E sem combater – rendi-me...
Com um só de teus sorrisos
– Daqueles que dá a mil!–
Em meu peito árido, morto
Mais esperanças nasceram
Do que flores tem Abril:
Tristes flores, que vieram
Sem abrigo nem conforto,
E açoitadas dos granizos,
Dos vários ventos, morreram!

VIII

Que novos sonhos sonhei
De amor, de felicidade!
Com que feia crueldade
Teus lindos olhos fingiam
Tão expressivos diziam.
Cruéis!... o que não sentiam!

IX

Ah! quebrou-se enfim o encanto,
Já me não torno a iludir
Foi sonho de que acordei
E que não volto a dormir:
Que desta vez entrou n alma
Sossegado o Desengano,
E, por um, co dedo experto
Os golpes do coração
Andou sondando sem dó:
Há de curar-se, ele diz,
Fica lesão – e porque não?

De que me serve ele agora?
Para amar-te o tinha eu só,
Só para to dar o quis...

X

Vai... de quanto coração
Em peito de homem batia
O mais valente quebraste,
Pois com tanto amor podia,
Todo o amor que lhe inspiraste.
Vai... como este coração
Não fez outro a natureza,
Formou-o coa mesma mão
Com que faz tua beleza:
Únicos ambos! – Já agora
Brilharás entre os mortais,
Reinarás, serás senhora,
Serás admirada – Embora!
Mas amada... nunca mais.

1837.

IX

A MINHA ROSA

Quem, se uma vez pôs os olhos
Naquela face tão bela,
Não viu nela – a sua estrela,
Rainha dos seus amores?
Em seus lábios um sorriso
É a luz do paraíso;
E o corar da face linda
É desabrochar de tosa
Que a manhã, com a sua vinda,
Debruçou na hástia mimosa
Para inveja das mais flores.

– Assim fora ela – singela
A minha rosa tão bela,
Nem mudasse assim amores
Como as outras folhas e cores!

183...

X

SUSPIRO D'ALMA

Suspiro que nasce de alma,
Que à flor dos lábios morreu...
Coração que o não entende
Não no quero para meu.
Falou-te a voz da minha alma,
A tua não na entendeu:
Coração não tens no peito,
Ou é dif'rente do meu.
Queres que em língua da terra
Se digam coisas do céu?
Coração que tal deseja,
Não no quero para meu.

183...

XI

O EMPRAZADO

*They seem'd... unto the last
To... forget the present in the past,
To share between themselves some separate fate
Whose darkness none beside should penetrate.*
Byron, Lara.

I

No chão a hástia da lança está cravada;

E a luzente armadura
Em troféu se encastela
De em torno da hástia dura.
Brilha, na cinzelada.
Ponderosa rodela,
O antigo emblema heráldico sabido,
Que o nome conhecido
Do senhor dessas armas apregoa.
O elmo emplumado, que brilhante c'roa
O soberbo troféu,
Ao vento baloiçando, oco reboa.
Vai sossegada resvalando a Lua
No puro azul do céu,
E nas fulgentes lâminas
Caem seus raios trêmulos,
Como o vago lampejo
De luz que surde de encantado brejo,
O pendão enrolado,
Nas misteriosas, variadas cores,
Traz segredo de amores
A ninguém revelado:
Ou, se alguém o entendeu, não no dissera,
Que nessa hora morrerá.

II

É a justa amanhã, cavaleiros,
É a justa: acudi a brigar.
Quem ficar na tranqueira estendido,
É sinal que era fraco no amar.
Pois venha já brigar, pois venha já morrer,
Quem diz que tem amor, quem no quer merecer!
Troféu que ai se ergue arrogante,
Um nobre senhor o arvorou:
Quer ser ele o mais fino amante:
Sua bela, a mais bela a jurou.
Quem se atreve a dizer-lhe que não?

Quem se atreve a tocar-lhe no escudo
Com a ponta da lança ou contão?
Quem se atreve? Ninguém. Ficou mudo
O tropel dos guerreiros então.

III

Arreda, arredar, fasta, afastar
Que ai vem, brida solta, correndo
Guerreiro de aspecto tremendo,
Montado num negro corcel.
No escudo não tem mais quartel,
Tenção nem letreiro que diga
A empresa de guerra que Siga,
A dama que sirva de amor.
Da guerra de el-rei Almançor
Virá co essas armas sangrando,
Ou foi que na estrada algum bando,
O quis, por má traça, matar?
Não sabe ninguém decifrar
Mistério de tanto segredo...
Chegou ele, – investe sem medo
o altivo troféu do senhor:
Feriu-o no ponto de honor,
Do conto da lança lhe dava,
O escudo insolente Voltava
Ao nobre, soberbo campeão...

IV

Em sua tenda de damasco
Bordado de oiro à porfia,
Ali junto às suas armas.
O nobre dono dormia.
Ouviu o golpe atrevido
Que no escudo lhe batia:
Chamou pajens, escudeiros,
Muito à pressa se vestia.

No escudo das suas armas,
O coração lhe dizia
Que um homem só neste mundo
A tocar se atreveria.
Não quer lança nem cavalo,
Seus homens não requeria:
Coa espada nua na mão,
Só, pela tenda saia:
– “Aqui estou, diz, que me queres?”
E a forte voz lhe tremia...
– A tua vida, emprazado,
Que já passou ano e dia. –

V

Não houve mais falas: o nobre emprazado
Montou na garupa do negro corcel.
Partiram correndo por monte e valado,
O estrondo fazendo de um grande tropel...
Dali a três dias, três noites contadas,
Saiu saimento com grande primor
De além do castelo de Penamacor:
Duas tumbas levava pregadas, fechadas...
Juntava-se o povo de todo o arredor
A ver saimento de tanto primor.
Mas cruz nem caldeira, ninguém na levou:
Sem rezas nem frades, o enterro passou...

VI

Naquele castelo dois irmãos viviam...
Nunca mais os viam.
E a bela condessa
De Penamacor
Dali a um ano é freira professa
Em São Salvador.

1841.

XII

A ESTRELA

Há uma estrela no céu
Que ninguém vê senão eu:
Inda bem! – que a não vê mais ninguém.
Como as outras não reluz,
Mas dá tão serena luz,
Que, inda bem! – não a vê mais ninguém.
No cantinho azul do céu
Onde ela está, não digo eu
A ninguém! – sei-o eu só: inda bem.

184...

XIII

L'ALCYON AU CAP

De M.lle de Flaugergues

This is to be alone, this is solitude.
Chante et rase les flots d'une aile paresseuse!
Tel qu'un enfant riant sur sa couche bercé,
Chante, doux Alcyon, et par l'onde amoureuse,
Vogue mollement balancé!
Moi, je sens que je touche au terme du voyage.
Quelques douleurs encore: puis la paix du cercueil!
Ne me plains pus! longtemps sur moi gronda l'orage
Mieux vaut dormir au port, que trembler sur l'écueil.
Mais, toi! rase les flots d'une aile paresseuse!
Tel qu'un enfant riant sur sa couche bercé,
Chante, doux Alcyon, et par l'onde amoureuse.
Vogue mollement balancé!
Heureux! tu n'as point fui ta famille chérie,
Tu n'es point triste et seul par ia vague emporté
Ton doux nid t'accompagne, et toute une patrie
Te suit et vogue à ton côté.

Loin, bien loin, de ta vue est le toit que j'implore;
Loin, bien loin de mon cœur tout ce qu'il a chéri.
Me sera-t-il donné de voir, d'entendre encore
Un regard, un accent ami?
Noble fille du ciel, amitié, pure flamme!
Partout où tu n'es point, est le froid du tombeau...
Eh! quoi, vivre et mourir sans révéler mon âme!
De ta pensée ardente éteindre le flambeau!
Quoi! rien qu'un roc muet! rien, rien qu'un sable aride!
Une atmosphère lourde, un ciel tempétueux!
Plus triste que la nuit, rien que ce jour livide
Qui blesse tes débiles yeux!
S'il était seulement sur ce morne rivage,
Un écho solitaire à ta voix s'éveillant,
Une fleur sans éclat, un arbre sans feuillage,
Si je voyais au ciel un astre vacillant.
Oh! j'aimerais l'écho plaintif, la fleur mourante,
L'étoile qui pâlit et l'arbre foudroyé!
Je leur dirais: – Rends à mon âme souffrante
Sympathie et pitié! –
Oui, pitié: car je souffre et respire avec peine,
D'un fardeau meurtrissant mon cœur est oppressé,
Oui, pitié; car je meurs, et la mouvante arène
Va, comme un blanc linceul, couvrir mon front glacé!
Te disais: tu passas sur l'onde frémissante,
De ton aile d'azur à peine l'effleurant.
Ton doux chant répondit à mon voix gémissante.
Comme les sons d'une luth entre mes doigts vibrant.
Reviens, réponds encore au cri de ta souffrance!
Tu plais à ta douleur, oiseau mélodieux!
Ton chant d'amour me semble un hymne d'espérance,
Et ta couleur brillante est la couleur des cieux!
Chante et rase les flots d'une aile paresseuse!
Toi qu'un enfant riant sur sa couche bercé,
Chante, doux Alcyon, et par l'onde amoureuse,
Vogue mollement balancé!

XIII

O ALCÍONE NO CABO

Tradução

Isto sim que é estar só.
Canta, e coa ponta de asa preguiçosa
Varro a onda serena!
Como o inocente que no berço embalam
Com branda cantilena,
Canta, suave Alcíone, o molemente
Voga ao som d'água amena!
Por mim, já da viagem chego ao termo.
Mais uma dor talvez...
E o túmulo depois: ninguém me cuite!
Descansarei de vez.
Antes quero dormir no ponto agora,
Que ir dar noutro revés.
Tu canta, e varre doa asa preguiçosa
Essa onda serena!
Como o inocente que no berço embalam
Com branda cantilena,
Canta, suave Alcíone, e molemente
Voga ao som d'água amena.
Feliz és tu, que nem os teus deixaste,
Nem vais triste e sozinho,
Das ondas tempestuosas arrojado
A ignorado caminho:
Contigo a pátria, aonde vais, a levas
Boiando no teu ninho.
Longe, ai! tão longe, eu tenho o lar que choro:
Quanto à vida me liga
Tão longe me ficou... Oh! ser-me-á dado
Que ou ainda consiga
O vem um doce olhar, o ouvir ainda
Um som de voz amiga?
Nobre filha do céu, doce amizade,

Tua chama não consente,
Tua chama só, que ao gelo do sepulcro
A vida se arrefente...
E eu hei de assim viver, morrem, sumir-me
Com este facho ardente
A queimar-me alma – e eu a apagá-lo à força,
Não me revele a mente!
Quê! só, neste areal deserto e mudo,
Só, essa penedia!
Ar que se não respira, um céu pesado.
E esta má luz de dia...
Uma luz alvacenta que me cega
Mais que a noite sombria!
Oh! se encontrasse ao menos nessa praia
Um eco a minha voz!...
Se uma flor murcha, uma árvore sem folhas
Eu vira aí tão sós!...
E trêmula no céu, vira uma estrela
Entre o negrume atroz!...
A esse eco gemedor, à flor mortiça,
Oh, como lhe eu quisera!
A estrela que desmaia, ao tronco seco
Oh, como lhe eu dissera:
“Piedade, simpatia para uma alma
Que a mágoa dilacera!”
Piedade sim, porque eu padeço muito:
Um peso que o matou,
Me oprimo o coração: e já pressinto,
Na agonia em que estou,
Sudário alvo de areia ir-me cobrindo
A frente que gelou.
Eu dizia, e tu vinhas rente d'água,
Ao som dos ais sentidos,
Roçando-a com as penas azuladas.
Aos tristes sons carpidos
Teu canto respondeu, como o alaúde

Que vibra estes gemidos.
Volta, responde ainda aos meus lamentos,
Que em ver-te a alma descansa!
O teu canto de amor nos meus ouvidos
É um hino de esp'rança.
E a tua cor brilhante a cor do céu
Quando ri na bonança.
Canta, e coa ponta de asa preguiçosa
Varre a onda serena!
Como o inocente que no berço embalam
Com branda cantilena,
Canta, suave Alcíone, e molemente
Voga ao som d'água amena!

184...

XIV

O FAROL E O BAIXEL

Como está segura a torre
No meio d'água! não vês?
No cimo a luz da esperança,
O escolho da morte aos pés...
Assim luz amor na vida,
Que é farol de salvação
Assim tem aos pés traidores
O escolho da perdição.
É bonança, e junto à torre
Dorme tranquilo o baixeiro
Mas quem pôs firmeza em ventos,
Quem teve o mar por fiel?
Na torre ardia o farol,
A onda morta se espelhava:
E o baixeiro já fatigado
Pela brisa suspirava.
O baixeiro é novo e lindo,

Velha a torro e desdentada:
Ouvirás o que ela diz
Com a voz cava e rachada:
– Baixelzinho tão ligeiro
Que essa calma impaciente,
Ai! não chames tanto a brisa,
Que pode vir a tormenta.
“Tu és uma torre velha,
Aí presa nesse escolho:
Cega todo o dia, apenas
Te acendem de noite um olho.
Que sabes tu do que vai
No imenso campe do mar?
Eu tenho mais fé na vida,
Quero ver, viver e andar.”
– Solta pois no mar da vida.
Lindo baixei, solta as velas;
Ventura te assopre os ventos,
Guie-te amor das estrelas!
Mas se ao voltar (na viagem
Da vida, o p'rigo é voltar)
Te vires perdido... Oh! vem,
Vem a mim, que me hás de achar.

1842.

XV

SENTENÇA DE AMOR

No álbum de uma jovem senhora

Tirou das asas a pena
E lavrou aqui Amor,
Neste livro de primor,
Sentença que já condena,
Por sacrílego e traidor,
A todo o que a mão impura

Nestas páginas puser,
Tomando, com falsa jura,
O seu santo nome em vão,
Para nelas escrever
O que impresso não tiver.
Bem fundo no coração.

184...

XVI
GRINALDA

Date lilia.
Virg.

Andei pelo prado vagando, vagando
Em busca da flor
Que aqui hei de pôr.
Grinalda tão bela, que se vai trançando
Com tanto primor,
Que flor lhe hei de eu pôr?
Vou-me à borboleta, que nesses vergéis
Anda a namorar,
Vou-lho perguntar...
Não: hei de ir à abelha que mais sábias leis
Tem no seu gostar;
Ir-lho-ei perguntar.
Mas a borboleta é doida, coitada,
Não sabe das flores
Senão viço e cores;
E a pobre da abelha, sempre carregada,
Não vê no vergel
Senão o seu mel,
E eu nesta flor quero da rosa a beleza,
Do lírio a candura,
Do nardo a doçura...

Diz-me o coração que nem natureza
Fez tal formosura,
Nem arte ou cultura.
Mas também me diz – e eu creio – eh! que sim...
Que o jardim de amor
Produz a tal flor.
Mancebos, correi, correi lá por mim:
O que achar a flor, Que a venha aqui pôr.

184...

XVII

JÁ NÃO SOU POETA

Eu queria apanhar uma rosa
Do um rosa! que já tive no céu,
Quando eu era poeta – e mimosa
Dessas flores que a tantos já deu,
Minha mão punha a c'roa ao valer
E prendia em grinaldas amor.
Eu queria apanhar uma rosa
Do rosal que já tive no céu,
Rosa pura, singela e mimosa,
Para a dar a quem tanto a mer'ceu,
A quem junta ao precioso valor
De alma bela, as mais graças do amor.
Mas não sou já poeta caiu-me
Da cabeça a coroa, o poder:
A inocência do Éden fugiu-me,
Fruto amargo provei do saber...
Sei, perdi-mo... e na triste memória
Nem saudados já tenho da glória.
Bem o vês, o alaúde caiu-me
Destas mãos que não têm já poder:
E o som derradeiro fugiu-me
Do hino eterno que ergui ao nascer,

Ai, por ti, por ti só, à memória
Vêm saudades do tempo da glória!

184...

XVIII

LIVRO DA VIDA

No álbum do Sr. J. M. do Amaral

Vai o talento e a amizade
Nas folhas brancas pintando
Deste livro es seus primores.
Memórias de saudade
Aqui ficam retratando
As várias, dispersas flores
Que no caminho da vida
Se vão colhendo e esfolhando...
E esta é a história sabida
De toda a vida—e da flor
Que é, que foi, ou que for.
Eu deixo aqui só memória
De uma Sincera vontade,
Do afeição, de lealdade;
Deve ter lugar na história
Do que este livro é padrão,
Que é história do coração.

1843.

XIX

AS MINHAS ASAS

Eu tinha umas asas brancas,
Asas que um Anjo me deu,
Que, em me eu cansando da terra,
Bati-as, voava ao céu.

– Eram brancas, brancas, brancas,
Como as do anjo que me deu:
Eu inocente como elas,
Por isso voava ao céu.
Veio a cobiça da terra.
Vinha para me tentar;
Por seus montes de tesouros
Minhas asas não quis dar.

– Veio a ambição, coas grandezas,
Vinham para me cortar
Davam-me poder e glória
Por nenhum preço as quis dar.
Porque as minhas asas brancas,
Asas que um Anjo me deu,
Em me eu cansando da terra
Batia-as, voava ao céu.
Mas uma noite sem lua
Que eu contemplava as estrelas,
E já suspenso da terra,
la voar para elas,

– Deixei descair os olhos
Do céu alto e das estrelas...
Vi entre a névoa da terra,
Outra luz mais bela que elas.
E as minhas asas brancas,
Asas que um Anjo me deu,
Para a terra me pesavam,
Já não se erguiam ao céu.
Cegou-me essa luz funesta
De enfeitados amores...
Fatal amor, negra hora
Foi aquela hora de dores!

– Tudo perdi nessa hora
Que provei nos seus amores
O doce fel do deleite,
O acre prazer das dores.

E as minhas asas brancas,
Asas que um anjo me deu
Pena a pena me caíram...
Nunca mais voei ao céu.

184...

XX

KYRIELEISÃO

A senom Christeleilom.
Egas Moniz?

Este é e hino derradeiro
Que, no fim do seu caminho,
Cantava o triste romeiro:
No cansaço e desalinho
Do longo peregrinar
Não sabia já cantar;
Nem as cordas do alaúde
Lhe podiam afinar...
Teimou, e pôs-se a cantar
Este cantar tosco e rude:
“A porta santa de Roma
Eu bati co meu bordão:
O Padre Santo me abria
Dizendo: Kyrieleisão!
“Kyrieleisão! – por minha alma,
Que morro som confissão,
Se não digo àqueles olhos
Que me dêem a absolvição.”
– Absolvição! – aqui tendes;
Tomai-a com devoção:
É uma bula cruzada
Que manda ter compaixão.
“Compaixão – minha senhora,

Tende-a de mim, que é razão
O que manda o Santo Padre,
Fazê-lo o fiel cristão.
Cristão! – é este meu peito:
O vosso, infiel pagão!
As indulgências que trago
Não sei se cá valerão...
Valer! – só Deus à minha alma,
Que morre sem confissão!
Senhora, vós, que a matastes,
Dizei-lhe: Kyrieleisã!”

182...

XXI

OLHOS NEGROS

Por teus olhos negros, negros,
Trago eu negro o coração,
De tanto pedir-lhe amores...
E eles a dizer que não.
E mais não quero outros olhos,
Negros, negros come são:
Que os azuis dão muita esp'rança,
Mas fiar-me eu neles, não.
Só negros, negros es quero:
Que, em lhes chegando a paixão.
Se um dia disserem sim...
Nunca mais dizem que não.

184...

XXII

A UMA VIAJANTE

Que hei de eu dizer à amável estrangeira

Que lhe fique em memória
Desta terra onde viça a laranjeira
Coa doce flor do amor
Junto ao louro da glória?
Eu cantei como canta no verdor
Do bosque o rouxinol,
Sem saber o que faz – ledo coa aurora,
E triste ao pôr do Sol...
Deixei de ser poeta como o fora,
Não sei porquê, – sei que e não sou já agora.

184...

XXIII

ELA

*Oui, mon âme se plaît à secouer ses chaînes
Déposant le fardeau dos misères humaines,
Laisant errer mes sens dans ce monde des corps,
Au monde des esprits je monte sans efforts.*

De Lamartine, Méd.

I

Eu caminhava só e sem destino
No deserto da vida,
Na alma apagada a luz, e o desatino
Na vista esmorecida:
E afastava de mim, que me empeciam
No caminhar adiante.
Os prazeres dos homens que sorriam,
E a turba delirante
De seus empenhos vãos. – Aos que gemiam
Sorria eu de inveja...
Quem pudera gemer!... mas arredava
Esses também: não seja
Traição a sua dor? – Eu caminhava

Só, triste, só, sem luz o sem destino,
A vista esmorecida,
A alma gasta, apagada, e ao desatino
No deserto da vida.

II

Olhava para o céu, não via estrela,
Nem eu buscava norte:
Que importava o guiai da luz mais bela,
Se das trevas da morte
Se enevoavam meus olhos, que a não via?...
Morte de alma que morre
De enfade e dissabor... e seca e fria
Pesando jaz no coração! – aí corre
O sangue com a vida:
A vida que é da terra, a bruta, a grossa,
Que, da outra desprendida.
Caiu nessa existência absurda, insossa,
Que é durar só, andar, cansar cem ela...
E eu ia desta sorte,
Olhava para o céu, não via estrela,
Nem eu buscava norte.

III

A aurora para mim não tinha flores,
Nem o Sol resplendores
E a morte-luz da Lua, que é tão bela.
– Lembra-me inda de vê-la! –
Branquejava-me só come um sudário
Que ondeia ao vento vário,
Pendão de espectro que por noite fria
Vão a alguma aziaga remaria.
Os campos arrelvados,
Que de longe me riam, matizados
De viçosas boninas,
Em chegando, eram áridas campinas,

Gandras salgadas e ermas,
De uma areia alvacenta e nua, – enfermas
E feias de avistar
Como terras malditas... – Oh! nem flores
Não tinha que esfolhar
A aurora para mim, nem resplendores
O Sol que derramar.

IV

E sentei-me cansado num rochedo
Triste como eu e só,
No meio deste vale de degredo,
De lágrimas e dó.
Caiu-me a frente sobre as mãos pesada,
E meditei comigo:
“Não é melhor pôr fim a esta jornada
E poisar no jazigo?
Vagar, peregrinar sem fim, sem termo,
Som causa, sem esp'rança,
Só nas cidades, abafando no ermo,
Faminto na abastança,
Morto na vida, e só, só, só!...” – Quem dera,
Quem me dera uma dor
Das que eu sentia dantes quando era,
Quando ímpio e sem temer
Bradava ao céu: “Fatal presente de alma
Que tanto, tanto sento!”
Puniu-me Deus: coalhou-se era podre calma
O oceano fervente
Das paixões tempestuosas de meu peito;
As velas lassas batem,
Baloíça o baixel tome e desconfeito,
E, nas cordas que latem
De impaciente preguiça, balanceia
A vida que me assola.
Oh! quem já naufragara num rochedo

Ermo como eu, e se
No meio destes mares de degredo,
De lágrimas e dói!

V

Que é de anjo que, ao gerar da minha vida,
Recebeu a palavra preferida
Da boca do Senhor,
O verbo criador
Que me deu alma e ser? o guarda, o guia
Que, desde esse momento,
Em fiel companhia
Habitar veio o coração que enchia.
De minha mãe, banhá-lo de contento,
De amor e de ternura?
O que depois, na tímida candura
De minha tão ingênua puberdade,
Quando os olhos sequiosos de ventura
Se ergueram a pedir felicidade
A primeira mulher que viram bela,
Mas guiou cora piedade
Para es olhos daquela
Que amei quase coa símplice inocência
Com que amei minha mãe?... Pobres amores!
Sem fogo, sem veemência,
Mas suaves e brandos como as flores...
Como elas, desbotaram à luz viva
Com que, na quadra estiva.
Dardeja o Sol – e a terra há sede, sede
Que orvalhos não apagam
Quer torrentes onde a água se não mede,
E que, a afogar, saciam quando alagam...
.....
.....
Ai! esse anjo onde está que a minha vida
Da boca do Senhor

Recebeu na palavra preferida.

No verbo criador?

VI

Com um longo suspiro derradeiro,

Um longo, último olhar de piedade

Ele me abandonou.

Quando ao festim grosseiro

Me viu sentar nas salas da impiedade.

Quando, ai Deus! blasfemou

Minha boca em palavras consagradas.

E jurou fé e prometeu verdade

A essas imagens vás, falsas, pintadas

Que a torpe necedade

– Do mundo ídolos fez de amor...

– Que amores!

.....

.....

Elas, como a sabia vende as flores

Que achou na horta ou no prado,

E as traz, em molhos feitos, ao mercado,

Murchas no viço, pálidas nas cores,

Do atar, do repartir...

Assim vendem, nos bailes e nas festas,

A preço de vaidades e mentir,

De ambiciosas requestas,

O que só tem valor

Quando se dá – e que e dá amor...

.....

Co esse longo suspiro derradeiro,

Num longo, último olhar de piedade

O anjo me abandonou,

Quando ao festim grosseiro

Me viu sentar nas salas da impiedade.

VII

Eu corri-me, chorei, quebrei a fronte
Na laje dura que soava em oco,
Quando acordei do meu sonhar tão louco,
E vi enlodaçada e soca a fonte
Desse ímpio templo – o do Prazer... Corri-me,
Bradei, chorei, carpi-me,
E tornei a vagar só, sem destino
No deserto da vida,
Na alma apagada a luz, e o desatino
Na vista amortecida.

VIII

E fui a erguer os olhos com despeito
Para o céu, às estrelas cintilantes
Queria perguntar se esta era a vida
Que me fadavam dantes
Quando me entrou no peito
Esta ânsia, este desejo, esta incendiada
Sede fatal de amar...
olhei... e vi o azul de firmamento
Só, sem nenhum brilhar
De estrelas eu de Lua...
Mas logo se inundava num momento
Do uma luz alva, doce e resplendente,
Que me entrou toda n alma. A névoa crua
Da terra, mais e mais, se encruencia
E cerrava – que a vista já não via...
Mas tão suavemente
Elevada daquela doce luz
A alma subia, plácida subia...
.....
Deve subir assim
Abraçada na Cruz,
A alma do justo no bendito dia
Que ao martírio da vida lhe põe fim...

.....
Já não erguia os olhos com despeito
Para o céu, às estrelas cintilantes
Não perguntava já se esta era a vida
Que me fadavam dantes.

IX

Eu subia, subia... O brilho, a alvura
Da luz mais requintada.
E corno que o meu ser compenetrava.
Então na imensa altura
Vi, claramente vista, a face pura
Da primitiva, etérea Formosura
De que à Terra só vai reflexo baço.
Vislumbre froixo, escasso
Que um momento, revela
Na face virginal – e a faz tão bela! –
Esse mistério da eterna Grandeza
Que desde a eternidade.
Antes de todo e ser, fez a beleza.

.....
Disse a minha alma: “Esta é a Formosura
E o que eu sinto, Amor...”
E eram, Que fiz eu pois até aqui? A impura,
Falsa imagem de um ídolo traidor
Trouxe a alma rendida,
E sem remorso prestuí a vida...

X

O meu amor primeiro,
Único, derradeiro,
Achei-o pois: é Ela. – Ela, um mistério,
Um sonho – um véu caldo
Sobre um símbolo! um mito...
Mas é Ela... Oh! é ela! Eterno império
Lhe foi, desde o principio, concedido

Em meu ser imortal. Sou, fui... escrito
Está que sou, que fui, que era já dela,
Desde que há ser em mim.
Não tem começo, nunca terá fim
Este amor, que é do Céu:
Vida não no acendeu, morte e não gela,
Que não pode morrer – se não nasceu!
No sempiterno Seio
Coexistiu co meu ser:
Neste da vida turbulento enleio
Passará a gemer
Como eu gemo. Mas toda a eternidade
Será nossa, depois, coa Divindade.

184...

XXIV

NOVA HELOÍSA

I

Junto à ribeira do Tejo
Há um vale escuso e quieto,
Que escolheu nova Heloísa
Para novo Paraclito,
Ali um doce bafejo
De perfumes tem a brisa;
E num longo, longo beijo
Flora e Zéfiro esquecidos,
Ali se ficam detidos
Em dobrada primavera;
Ali não murcham as flores...
Se hão de então murchar amores!

II

Onde a relva é mais mimosa
E a verdura mais viçosa.

De alto cume despenhado
Cai um lençol de água pura
Nas brancas orlas franjado
Do mais reluzente alvura.
Em torno da penedia
Cresce o jasmim, vive a rosa;
E a hera crespa e luzidia,
A madressilva cheirosa
Não deixam chegar do dia
Aquela estância sombria,
Senão já meio perdidos,
Os raios amortecidos...
Luz querida dos amores
Que ali vivem sós coas flores!

III

O nome daquele vale
E mistério... não o sei:
Mandado me foi que o cale...
O seu nome calarei.
Também querem que o esqueça...
Esquecê-lo é que eu não sei.
Quis a sorte – e se era avessa,
Se propicia, não direi –
Que um dia ali descuidado
Por acaso eu fosse ter,
E um labirinto encantado:
Quem lá for, se há de perder...
Que andam ali os amores
Escondidos entre as flores.

IV

Entre as flores – tantas eram!
Vi uma, duas... vi mais...
Que não sei nem qual nem quais
O coração me prenderam.

Sei bem certo que o levava
Aqui no peito, ao entrar:
Aos baques que me ele dava
Milagre foi não quebrar!
Antes quebrasse... perdi-o:
Lá me anda come um vadio,
Doido, doido, entre essas flores,
O louco! a sonhar de amores...

V

Lindo vale escuso e quieto
Que banhas os pés no Tejo.
E floresces ao bafejo
Da suave aura do amor,
Tu serás o Paraclito
Adendo se acoite a dor
De nova, terna Heloísa,
Tuas águas a correr.
A suspirar a tua brisa,
Os teus bosques a gemer,
Vós todos lhe heis-de dizer
Que ali no seio das flores
Não é que esquecera amores.

VI

Se cem lágrimas salgadas
Elas as tuas flores regar,
Tu bem sabes, valo umbroso.
Que tas não pode queimar.
Tristes rosas desbotadas
Bem poderá desfolhar...
E a tez ao jasmim cheiroso
Com os suspiros crestar...
Mas, por cada flor de amor
Que assim matar sem piedade,
Verá crescer-lhe ao redor

Mais dobrada a – saudade.
Que a mate... não mata, não;
Que a queime... torna a florir:
Vegeta em toda a estação,
Sol e chuva a faz abrir.
Oh, mal vai viver coas flores
Quem se quer deixar de amores!

VII

Mas vá a bela Heloísa,
Vá para e seu Paraclito
E que tome por divisa
Triunfar de um doce afeto...
Vá com esse credo vão
Que a condena à solidão...
Vá com sua fortaleza
Desafiar a natureza
A duelo singular...
Vá... que pode batalhar,
Pode, vá... mas vencer, não:
Que no melhor da peleja
Quando o contrário fraqueja.
É que cede o coração...
Verá então ente as flores
Como riem os amores!

184...

XXV

O NATAL DE CRISTO

*Verbe incréé, source féconde
De justice et de liberté!
Parole qui guéris le monde.
Rayon vivant de vérité!
De Lamartine, Harm.*

I

O César disse do alto do seu trono:
“Pereça a liberdade!
Quero contar es homens que há na Terra.
Que é minha a humanidade:”
E, cabeça a cabeça, como reses,
As gentes são contadas.
Procônsoles e reis fazem resenha
Das escravas manadas.
Para mandar a seu senhor de todos
Que, um pé na Águia romana.
Com o outro oprime o mundo,
A isto chegara a vil progênie humana.

II

E era noite em Belém, cidade ilustre
Da vencida Judeia.
Que a domada cabeça já não cinge
Com a palma idumeia:
Dois aflitos o pobres peregrines
Cansados vêm chegando
Aos tristes muros, a cumprir do César
O imperioso bando...
Tarde chegaram já não há poisadas.
Que importa que eles venham
Da estirpe de Jessé, e o sangue régio
Em suas veias tenham?
Na geral servidão só uma avulta
Distinção – a riqueza;
Na corrupção geral só uma avilta
Degradação – pobreza.
Os filhos de David foram coitar-se
No presepe entre o gado,
E dos animais brutos receberam
Amparo e gasalhado.

III

E ali nasceu Jesus... ali a eterna,
Imensa Majestade
Apareceu no mundo, – ali começa
A nova liberdade.
Cantam-na os anjos que no Céu pregoam
Glória a Deus nas alturas,
E paz na Terra aos homens! –
Paz e glória, Promessas tão seguras
Do Céu à Terra nesta noite santa,
O que é feito de vós?
Jesus, filho de Deus, que ali vieste
Humanar-Te por nós,
Tu que mandaste os coros dos Teus anjos
Aos humildes pastores
Que dormiam na serra – ao pobre, ao poio,
Primeiro que aos senhores.
Que aos sábios e que aos reis, Te revelaste –
Oh! que é delas, Senhor,
Que é das Tuas promessas? Resgatados,
Divino Salvador.
Do antigo cativo não seriam
Os homens que fizeste
Livres co sopro Teu, quando os criaste,
Livres, quando nasceste.
Livres pelo Evangelho de verdade
Que em Tua Lei lhes deste.
Livres enfim, pelo Teu sangue puro
Que por eles verteste
Do alto da Cruz, no Gólgota de infâmia
Em que por nós morreste?

IV

Vê, ó filho de Deus! quase passados
Dois milênios já são

Que, esta noite, em Belém principiava
Tua longa paixão;
E o édito do César inda impera
No mundo avassalado.
Os Césares, seu trono – e quantos tronos!
Têm caído prostrados...
Embalde! – as leis iníquas, que destroem
A santa liberdade
Que nesta pia noite anunciaste
A opressa humanidade,
Essas estão em pé. Será que o pacto,
Será que o testamento
Celebrado na Cruz Tu quebrarias.
Senhor, no etéreo assento?...

V

Não, meu Deus, não: eterna é a Palavra,
Eterno é o Verbo Teu
Que, antes do ser dos séculos, nos deste,
Que o mundo recebeu
Nesta noite solene e sacrossanta.
Nós, nós é que o quebramos.
Nós, sim, o novo pacto e juramento
Sacrílegos violamos;
Esaús de Evangelho, nós vendemos,
Com torpe necedade,
Por apetites sórdidos, a herança
Da glória e liberdade,
Por isso os reis da Terra inda nos contam
Escravos, às manadas;
Por isso, em vão, do jugo sacudimos
As cervizes chagadas.
Porque não temos fé, não temos crença,
E a Cruz abandonamos.
Donde somente está, só vem, só fulge
A luz que procuramos.

E os vãos sabedores, esses magos
Que a vaidade cegou.
Não olham para o céu, não vêem a estrela
Que hoje era Belém raiou.

184...

XXVI

REDENTOR

Sequência

Ave, spes unica.
Hymn.

Tu morreste por nós na cruz da afronta,
E o sangue derradeiro
Derramaste do alto do madeiro,
Jesus, filho de Deus, Deus verdadeiro!
Aos crimes do homem não lançaste a conta,
Inocente cordeiro,
Quando foste no alto do madeiro
Lavar, com sangue, o último e o primeiro.
E naquela hora o mundo foi mudado:
A antiga, frouxa luz
Se apagou no calvário ao pé da Cruz;
E agora é novo sol o que reluz.
Por desiguais direitos. Afrontosos
Para o pobre que lida,
Que trabalha, que sua pela vida,
Andava a Terra pelos reis regida.
Vãos sabedores, ricos poderosos
A tinham submetido
Ao erro torpe que embrutece a vida
E que apaga a razão n alma perdida.
Acabaram-se as leis dos reis da Terra;
E esta só lei ficou;

“O Rei que está na Cruz nos libertou,
E com Seu sangue a todos igualou.”

184...

NOTAS AO LIVRO PRIMEIRO

Nota A

Cuja ciência... “não vê mais coisa nenhuma entre o céu e a Terra do que as que sonha a sua filosofia”...

Shakespeare faz dizer esta sentença a um dos profundos pensadores que ele põe a falar naqueles seus dramas imortais:

*There are more things in heaven and earth, Horatio,
Than are dreamt of in your philosophy.*

São justamente essas coisas de cuja existência não sonha a filosofia humana, as com que não contou, em seus cálculos, esta moderna ciência da economia política; ciência que há de estragar a civilização e o mundo, porque nos lançou no individualismo absoluto e exclusivo, consequência inevitável das doutrinas dos utilitários.

Já se vai percebendo no coração da Europa, não tardará a sentir-se em toda ela amargamente, a fatal verdade desta observação, que não é para aqui estender, mas que ora forçoso apontar para se entender o texto citado.

Nota B

Esse Príncipe alemão que é tanto moda não cuidem que é o aventureiro que aqui andou há dois anos...

O príncipe Muskaw, engraçado autor de “Tutti Frutti” das “Viagens de Semilasso” e de outras rapsódias elegantes e desgarradas, é um escritor bem conhecido e geralmente estimado. Receou-se porém que algum literato de botequim o não confundisse com essoutro apenas conhecido pela sua publicação sobre Espanha, em que tão insultada é a memória de D. Pedro IV (de Portugal). Da brochura que ele ultimamente deu à luz sobre a nossa terra, crê-se que o bom do príncipe não é senão o “editor responsável”.

Nota C

Recontar fadigas

De procelas, de calmas acintosas...

Este fragmento foi escrito no mar em uma longa e penosa viagem de Lisboa à ilha Terceira. Em parte já tinha sido publicado no número IV do jornal literário O Cronista, que saía em Lisboa em 1827.

Nota D

Beleza e bondade (de Safo)

Na elegante coleçãozinha publicada nos fins do século passado em Paris, com o título *Oeuvres de Safo*, vem-lho atribuída esta espécie de epigrama, ou antes, apotegma poético. Daí o traduzi como tal; mas procurei depois, em vão, o texto grego, tanto nos *Poetae graeci vetares*, como na rara coleção de Líricos gregos de Henrique Stéfano impressa em Paris em 1626.

O mesmo me sucedeu com a peça seguinte a esta (V do Liv. I) que tem por título O Sacrifício.

Nota E

– *Foi Anacreonte*

Que ao seu bem amado...

Eliminou-se, na tradução desta linda Ode, o nome de Bactilo, a quem no original é consagrada por Anacreonte, do mesmo modo que Virgílio dedicou a Aleixo a sua segunda Écloga.

Salva esta infidelidade, que a decência dos nossos costumes exige, em tudo o mais, os presentes estudos sobre Anacreonte são traduções tão severamente literais quanto o gênio das duas línguas o permite. O mesmo digo das de Alceu, Horácio, etc.

Nota F

Não me enganei; era de Ossian a sombra,

E assim cantou...

A espécie de introdução que chega até estes versos não é de Macpherson, ou de quem quer que foi o verdadeiro autor das “Poesias de Ossian”; fi-la eu para me exercitar num gênero que, nos meus primeiros anos, me parecia o sublime dos sublimes como ele já pareceu a Napoleão e a Cesarotti. O epílogo, que se contém nos últimos oito versos do poemeto, também é da mesma lavra.

Nota G

Caverna de Viriato

Na que pode considerar-se como a “primeira parte” do que chamarei minhas “Poesias menores”, a qual se publicou em Londres, 1829, sob o título de Lírica de João Mínimo, vem já incluída esta ode ou canção a págs. 161. A melhor

cronologia com que agora se ordenou, tanto aquela primeira parte como esta segunda, obrigou a colocar aqui a Caverna de Viriato.

Mademoiselle de Flaugergues, no seu lindo livrinho *Au bord du Tage*, Paris 1841, publicou a tradução francesa que aqui se dá ao pé do texto, e que foi o mais lisonjeiro cumprimento que o autor podia receber. Veja a nota I ao Liv. II da presente coleção, pág. 152.

Nota H

O ano velho

Foram já impressos, por engano de data, estes versos na Lírica de João Mínimo. Veja nota antecedente (G ao Liv. I), e o que se diz no prólogo da presente coleção.

AO LIVRO SEGUNDO

Nota A

Desdobrando ufano

O verde pavilhão nas altas popas

Treme ao sopro da brisa...

A jovem Rainha de Portugal então de onze anos, e a jovem Imperatriz do Brasil com poucos mais, partiram de Inglaterra em 1829 numa fragata brasileira, acompanhada por mais dois navios de guerra da mesma nação. Horas antes da sua partida chegava a Inglaterra a notícia da vitória da Praia, nos Açores. Esta notável coincidência inspirou o presente poemeto, que primeiro se publicou em Londres no jornal português intitulado *O Chaveco*, núm. III de 23 de Setembro daquele ano, com o título: *A Lealdade, ou a Vitória da Terceira, canção*. Daí a pouco, no mesmo ano ainda, se fez segunda edição em um folheto separado, com estoutro título: – *A Lealdade em Triunfo, ou a Vitória da Terceira – Canção – ao general-conde de Vila Flor e ao valoroso batalhão da Senhora D. Maria II. – Londres – etc., etc. MDCCCXXIX.*

Nota B

Estandarte de morte aziago

São as cores da nova Cartago...

Alude-se à fragata inglesa que seguia os navios brasileiros, e que, à vista do procedimento que o Governo britânico tinha tido com a Rainha e com os portugueses emigrados. Com razão entendíamos todos que ia mais para a vigiar, do que para lhe fazer honra.

O mesmo sentimento, bem natural, inspirou muitos outros versos análogos nesta peça. Até para a Rússia, que então se achava com o seu exército sobre Constantinopla, apelávamos nós para ver por ali começar a destruição do obnoxio poder inglês que tanto nos avexava.

Comentar todo este poemeto seria quase escrever a história daquele ano tão cheio – 1829.

Nota C

Uma ilha vicejante e pampinosa..

A ilha Terceira, onde, poucos dias antes, as relíquias do Partido Liberal tinham ganho a célebre batalha da Praia, em 11 de Agosto desse mesmo ano de 1829.

Nota D

E quem são esses nobres defensores...

O batalhão de Voluntários da Rainha, que não eram soldados de profissão, foi o que ganhou a vitória da Praia.

Nota E

Quais injúrias, que afrontas...

Na Câmara dos Pares em 1826-27 tinham-se dito e feito as maiores injúrias aos voluntários, que, por amor da liberdade e do soberano, se armavam e pelejavam pela causa comum. Pouco menos lhes tinha feito o Governo. Eles desafrontaram-se como o soldado de Vieira, que, em sua inimitável linguagem, – morre... e vingá-se.

Nota F

Cinzas que a mão do algoz devia aos mares...

Este verso, cuja bárbara alusão é bem óbvia, sente-se da exaltação em que a guerra civil trazia os ânimos depois da contenda que ninguém acusará nunca o autor de que, em verso ou em prosa, em público ou em particular, soltasse tais expressões, e menos ainda tivesse tais pensamentos. Nem o reclama como grande mérito: é vulgar virtude a generosidade entre Portugueses. Se não fosse

meia dúzia de más almas que aí há por desgraça, talvez se pudesse escrever sem sangue toda esta história das nossas desavenças políticas.

Nota G

A mão inocente e bela

Que o triste ramo colheu...

Na antevéspera da nossa partida de São Miguel com a expedição para o Porto, uma jovem senhora – que hoje deva de ser anjo no Céu – colheu um ramo de cipreste e o deu ao autor... no dia seguinte exigiu que ele lho restituísse; e o ramo voltou acompanhado destes versos. É quanto basta para se eles entenderem: com o mais não tem nada o leitor.

Nota H

O emprazado...

Talvez não devesse colocar-se aqui esta composição, que pertenceria melhor ao Romanceiro. – Romance é ela, mas não no estilo casto e singelo dos nossos romances antigos, como o autor se lisonjeia que são as suas outras composições da mesma natureza. Neste quis-se mais imitar a escola de Schiller, e provar forças por todos ou quase todos os metros que a nossa língua comporta: por isto é que o não quis incluir no Romanceiro a par dessoutros.

Penamacor só deixou de ser um título vago e um nome vão depois de impresso este livro; aliás, ter-se-ia mudado: agora é impossível fazê-lo.

Nota I

O Alcíone no cabo...

O texto de Mademoiselle de Flaugergues, que aqui se dá ao pé da tradução, apareceu, a primeira vez, em um jornal francês L'Abeille, que se começou a publicar em Lisboa, em 1836. Residia então aqui a autora destes lindos versos, Traduzi-os logo, e saíram impressos, nesse mesmo ano, n'O Português Constitucional. Nem a tradução foi esmerada nem a publicação correta. Apesar disso, M.lle de Flaugergues teve a bondade de a incluir na sua coleção, já por vezes citada, *Au bord du Tage*. Mas aí apareceu muito pior ainda, graças aos compositores franceses que decerto não entendiam o que compunham.

Agora não vai só restituída, vai refeita a tradução, porque realmente o merecia a beleza do original e a obsequiosa civilidade da autora.

Nota K

Não olham para o céu, não vêem a estrela

Que hoje em Belém raiou...

Ponho uma só nota a este verso, a toda a ode, e serve para a seguinte também:

– é em duas linhas, mas vale um livro:

Onde a liberdade se não abraçar com a cruz, onde o povo não derivar os seus direitos imediatamente de Deus e do Evangelho – aí, liberdade verdadeira, não a há de nunca haver. As teorias filosóficas valem para o espírito; e o espírito é o menos para os povos. O coração é tudo, e ao coração só a religião pode chegar.

Apareceu a primeira vez impressa esta ode na Revista Universal Lisbonense de Dezembro 1844.

O LIVRO DIGITAL – ADVERTÊNCIA



O Livro Digital é – certamente - uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade de editoras.

Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser escaneado e compartilhado nos mais variados formatos digitais (PDF, TXT, RTF, entre outros). Todavia, trata-se de um processo demorado, principalmente no âmbito da realização pessoal, implicando ainda em falhas após o processo de digitalização, por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras.

Embora todos os livros do “Projeto Livro Livre” sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que alguns desses erros passem despercebidos. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de algumas dessas incorreções, por gentileza entrar em contato conosco, no e-mail: *iba@ibamendes.com*

Sugestões também serão muito bem-vindas!

Iba Mendes
São Paulo, 2014